



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (Cf. Lucas 24,13-35).

PRIORIDADES

1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase nas novas gerações, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



Mensagens da
CLAR: Assembleia
e Conferência

Um olhar sobre a
Vida Consagrada
Apostólica. Nas
trilhas do Vaticano II
e do Papa Francisco

Perfectae
Caritatis: há 50
anos orientando
a Vida Religiosa
Consagrada

Trinta anos
da morte de
Irmã Cleusa

Convergência

486

NOVEMBRO
2015 • ANO L



Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Mônica Elaine G. S. Costa e Sandra Sinzato
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Anderson Augusto de Souza Pereira

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Vida sem limites 701

Mensagem do Papa

Morte não é a última palavra 704

Mensagem

Dia de Finados. Reflexões sobre a morte e suas circunstâncias 707

Informes

Mensagem da XIX Assembleia Geral da CLAR
Aos consagrados e consagradas da América Latina e Caribe 714

Conferência Latino-americana
e Caribenha de Religiosos/as 716

Panamazônia: fonte de vida no coração da Igreja 720

Instituto de Pastoral Vocacional (IPV) 726

Artigos

Um olhar sobre a Vida Consagrada Apostólica –
Nas trilhas do Vaticano II e do Papa Francisco
VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA 729

Perfectae Caritatis: há 50 anos orientando
a Vida Religiosa Consagrada
ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA 749

Trinta anos da morte de Irmã Cleusa,
missionária agostiniana recoleta
JOSÉ RICARDO ZONTA 758

Cordimarianas celebram o centenário de fundação
ANTONIO CHAVES DE SANTANA 769

O Papa Francisco renova a nossa fé e a nossa esperança ao expressar que a morte não é a última palavra sobre o destino do ser humano, porque estamos destinados a uma vida sem limites, que tem a sua raiz e a sua realização em Deus.

Pe. José Carlos Pereira, em suas reflexões para o Dia dos Finados, lança luzes sobre algumas questões para as quais nem sempre encontramos uma resposta satisfatória: Como lidamos com a morte e os seus rituais? Como concebemos o sacramento que nos prepara para a morte? Por que rezamos pelos mortos?

A CLAR partilha a mensagem final da XIX Assembleia Geral, cujo núcleo exprime: Deus novamente tem nos surpreendido e estamos convencidas/os de que chegou a hora de um novo Pentecostes para a VRC; o Ano da Vida Consagrada constitui um divisor de águas entre o antes e o hoje e se nos oferece uma oportunidade para realizar a missão de “curar feridas e acalentar corações”.

A CLAR partilha também a mensagem final do Congresso, realizado em Bogotá, de 18 a 21 de junho, no contexto do Ano da VC: “As/os participantes no Congresso de VC da América Latina e Caribe dirigimos esta Mensagem às pessoas consagradas, a nossos Pastores e a todo o Povo de Deus, do qual somos parte, com a esperança de que, por meio deste texto, possam também experimentar os apelos que o Espírito Santo nos faz a um maior compromisso na vivência da nossa vocação”.

A Rede Eclesial Panamazônica (REPAM), comprometendo-se com a defesa da vida dos povos da Panamazônia e do seu bioma, está afinada com o Papa. Diz o texto da

REPAM: “Precisamos ouvir atentos o Papa Francisco que nos faz um forte apelo ‘ao respeito e à salvaguarda de toda a Criação que Deus confiou ao homem, não para que a explorasse de maneira inescrupulosa, mas a transformasse em um jardim”.

Você conhece o Instituto de Pastoral Vocacional (IPV)? Visite o site www.ipv.org.br e veja o Instituto em ação, informe-se sobre notícias, fotos, vídeos, cursos, inscrição para cursos etc. O IPV começou a ser organizado no final dos anos 1980, com a ideia de convocar as congregações e os institutos com carismas vocacionais para que se conhecessem e vissem a possibilidade de juntar forças para servir a Igreja no campo das vocações.

Iniciando a seção Artigos, Pe. Vinícius publica “Um olhar sobre a Vida Consagrada Apostólica – Nas trilhas do Vaticano II e do Papa Francisco”. O autor fala da travessia particularmente tensa e arriscada da VRC. Para ele, trata-se de “uma *crise estrutural*, existencial mesmo, que desestabiliza as vivências que nos fundam, as convicções que nos sustentam, as motivações que nos impelem e as utopias que nos engajam”.

O prof. André Luiz oferece “*Perfectae Caritatis*: há 50 anos orientando a Vida Religiosa Consagrada”. O artigo é uma proposta de releitura da *Perfectae Caritatis* para o Ano da Vida Consagrada. A atualização da Vida Religiosa Consagrada dá-se pelo “seguimento de Cristo proposto no Evangelho, norma última da Vida Religiosa”, conforme o *Perfectae Caritatis*.

Pe. José Ricardo escreve sobre os “Trinta anos da morte de Irmã Cleusa”. Diz que sua entrega é um jeito contundente de testemunhar a fé cristã-católica. O intuito do texto é mostrar que a fé tem maior vínculo com o amor, e a morte de Irmã Cleusa não foi outra coisa senão a máxima expressão de uma fé que ama, que ama porque não existe fé sem amor.

Antonio Chaves de Santana faz belas e profundas reflexões sobre o Centenário das Filhas do Coração Imaculado

de Maria (Cordimarianas). Expressa o autor que “As Cordimarianas”, parafraseando o Papa Francisco, devem “despertar o mundo com a cultura da compaixão e da misericórdia”. Compaixão e misericórdia são o núcleo do carisma das Cordimarianas. E este centenário vem ao encontro do Ano da Misericórdia, em 2016. Escreve o Papa que o mistério da misericórdia é fonte de alegria, serenidade e paz.

Ir. Lauro Daros, marista

Mensagem do Papa

704

Morte não é a última palavra

No dia dedicado aos Finados, em 2 de novembro de 2014, o Papa Francisco destacou que a celebração de Finados e a Solenidade de Todos os Santos são duas ocorrências intimamente ligadas entre si, do mesmo modo que a alegria e as lágrimas encontram em Jesus uma síntese que é o fundamento da nossa fé e da nossa esperança:

Por um lado a Igreja, peregrina na história, se alegra com a intercessão dos santos e beatos que a apoiam na sua missão de anunciar o Evangelho, e por outro lado ela, como Jesus, partilha as lágrimas daqueles que sofrem a separação dos seus entes queridos e, como Ele e com Ele, eleva o seu agradecimento ao Pai que nos libertou do domínio do pecado e da morte.

Francisco explicou que o cemitério é um “lugar de repouso” à espera do despertar final, e foi o próprio Jesus que revelou que a morte do corpo é como um sono do qual ele nos desperta. “É, pois, com esta fé que devemos olhar para os túmulos dos nossos entes queridos, daqueles que nos amaram e nos fizeram algum bem”, afirmou.

O Santo Padre disse que hoje os fiéis são chamados a recordar a todos, mesmo aqueles de que ninguém se lembra.

Recordemos as vítimas da guerra e da violência; tantos “pequenos” do mundo esmagados pela fome e pela pobreza. Recordemos os irmãos e as irmãs mortos por serem cristãos; e aqueles que sacrificaram a vida para servir aos outros. Confiemos ao Senhor especialmente aqueles que nos deixaram ao longo do último ano.

705

A tradição da Igreja sempre exortou os fiéis a rezarem pelos falecidos, em particular, com o oferecimento de uma Missa, explicou o Papa. Segundo ele, a Celebração Eucarística é a melhor ajuda espiritual para dar às almas, especialmente às mais abandonadas.

E destacou que o fundamento desta oração pelos defuntos está na comunhão do Corpo Místico, pois, como diz o Concílio Vaticano II, “a Igreja, peregrina sobre a terra, bem ciente desta comunhão de todo o corpo místico de Jesus Cristo, desde os primeiros tempos da religião cristã, tem honrado com grande piedade a memória dos mortos”.

A memória dos defuntos, o cuidado pelas sepulturas e os sufrágios são o testemunho de confiante esperança, enraizada na certeza de que a morte não é a última palavra sobre o destino do ser humano, porque o homem está destinado a uma vida sem limites, que tem a sua raiz e a sua realização em Deus.

Em seguida, Francisco fez uma oração pelos falecidos:

Deus de infinita misericórdia, confiamos à tua imensa bondade aqueles que deixaram este mundo para a eternidade, onde tu aguardas toda a humanidade redimida pelo sangue precioso de Cristo teu Filho, morto para nos libertar dos nossos pecados.

Não olhes, Senhor, para as tantas pobreza e misérias e fraquezas humanas quando nos apresentarmos diante do teu tribunal, para sermos julgados, para a felicidade ou a condenação.

Dirige para nós o teu olhar misericordioso que nasce da ternura do teu coração, e ajuda-nos a caminhar na estrada e a uma completa purificação. Não se perca nenhum dos teus filhos no fogo eterno do inferno onde já não poderá haver arrependimento.

Confiemos-te, Senhor, as almas dos nossos entes queridos, das pessoas que morreram sem o conforto sacramental, ou não tiveram ocasião de se arrepender nem mesmo no fim da sua vida. Que ninguém tenha receio de te encontrar depois da peregrinação terrena, na esperança de sermos recebidos nos braços da tua infinita misericórdia.

Que a irmã morte corporal nos encontre vigilantes na oração e carregados de todo o bem realizado ao longo da nossa breve ou

longa existência. Senhor, nada nos afaste de ti nesta terra, mas tudo e todos nos apoiem no ardente desejo de repousar serena e eternamente em ti. Amém.

O Santo Padre concluiu sua reflexão convidando os presentes a se voltarem para a Virgem Maria, que sofreu sob a cruz o drama da morte de Cristo e participou depois na alegria da sua ressurreição, pedindo sua ajuda nesta peregrinação cotidiana aqui na terra, para não perderem de vista a meta última da vida, que é o Paraíso.

Reflexões sobre a morte e suas circunstâncias

O Dia de Finados ou Dia dos Mortos, como é chamado no México, é celebrado na Igreja Católica há bastante tempo. Existem referências sobre essa celebração desde o século II da era cristã, quando se tem registros de cristãos que visitavam os túmulos para rezar pelos mortos, sobretudo para rezar pelos que haviam sido martirizados. Porém, a Igreja passou a dedicar um dia para rezar pelos mortos a partir do Papa Silvestre II (1009), e depois dele outros Papas, como, por exemplo, João XVII e Leão IX (1015), também continuaram com essa prática que se perpetuou até os nossos dias. Mas foi a partir do século XIII que o dia de rezar pelos mortos passou a ser o 2 de novembro, um dia depois do Dia de Todos os Santos, evocando assim a santidade a que fomos chamados a buscar neste mundo para sermos merecedores da vida eterna, junto com os demais santos, os que tiveram uma vida exemplar ou que se converteram e, ao morrer, foram declarados santos. “Sede santos como vosso Pai celeste é santo” (Mt 5,48), ou ainda “sejam santos, porque eu sou santo” (1Pd 1,16).

Essa santidade ou perfeição é que nos dá a certeza de que a nossa vida não se resume a este mundo, pois, se assim fosse, não precisaríamos buscar a santidade. Assim, ao rezar pelos mortos, mostramos que acreditamos na santidade e na misericórdia de Deus que é capaz de tornar santo, isto é, de salvar, até mesmo aqueles que não alcançaram neste mundo a santidade ou a perfeição. Por essa razão, ao rezar pelos mortos se está intercedendo a Deus pela santidade daquele ente querido, para que Deus o acolha no seu Reino e lhe conceda um lugar “de muita honra e distinção”, como diz 1 Samuel 1,8: “Senhor ergue do pó o homem fraco, e do

lixo ele retira o indigente, para fazê-los assentar-se com os nobres num lugar de muita honra e distinção”.

Assim, além dessas passagens bíblicas, temos muitas que falam da santidade a ser buscada e da oração pelos mortos, como, por exemplo, Tobias 12,12; Jó 1,18-20; 2 Macabeus 12,43-46; Mateus 12,32, entre outras. São textos que ensinam direta ou indiretamente sobre como rezar pelos mortos, prática que a Igreja oficializou no dia 2 de novembro, conhecida na liturgia como “comemoração de todos os fiéis defuntos”.

Desse modo, o Dia de Finados, ou da comemoração de todos os fiéis defuntos, nos oferece uma ótima oportunidade para rezar e pensar sobre a morte e sobre as situações e circunstâncias que a envolvem, como, por exemplo, a doença, as fragilidades, o pecado etc. É, portanto, uma ocasião a mais para pensarmos na vida, pois a morte baliza a vida e é a única certeza que temos. Viver como se não fossemos morrer talvez seja perigoso, pois pode dar a ideia de que somos donos de nossa vida e assim agirmos de modo inconsequente e arrogante. Por essa razão, a Igreja tem alguns rituais que ajudam a exorcizar pensamentos desta natureza e a nos colocar no lugar de criatura de Deus, com uma breve passagem por este mundo, e assim não querermos usurpar o lugar do Criador. Cabe, portanto, pensarmos as seguintes questões:

- Como lidamos com a morte e os seus rituais?
- Como concebemos o sacramento que nos prepara para a morte?
- Por que rezamos pelos mortos?

Deparamo-nos, constantemente, com questões desta natureza, e nem sempre encontramos uma resposta satisfatória. Assim sendo, o propósito desta breve reflexão é lançar luzes sobre estas questões e elucidá-las de modo sucinto.

Unção dos Enfermos: conhecida antigamente como “extrema-unção”, tem como uma de suas finalidades preparar para a morte. É um sacramento ministrado somente por ministros ordenados, isto é, padres e bispos. O Catecismo

da Igreja assim fala sobre este sacramento: “Pela sagrada Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, a Igreja toda entrega os doentes aos cuidados do Senhor sofredor e glorificado, para que os alivie e salve” (n. 1499). Portanto, a unção dos enfermos não é um passaporte para a morte, como muitos imaginam, mas uma preparação sacramental que coloca os enfermos sob os cuidados de Deus. Portanto, ninguém deve ter medo de receber esse sacramento. Pelo contrário, deve ser desejado e recebido como a presença de Deus que entra na vida da pessoa enfraquecida pela doença e a fortalece. Se, porventura, a pessoa vier a falecer, estará preparada para morte. Por essa razão, recomenda-se que uma pessoa gravemente doente receba o sacramento da Unção dos Enfermos.

Rezar pelos mortos: outro tema que intriga muitos fiéis é a oração pelos mortos. Deve-se rezar pelos mortos? A oração tem algum poder no destino de quem já morreu? Estas e outras questões povoam o imaginário religioso quando se trata de relacionamento com os mortos. No Dia de Finados muitos visitam os cemitérios e vão rezar pelos mortos, porém, ainda resta dúvida sobre se deve ou não rezar pelos mortos. O que a Igreja diz sobre isso? A Igreja aprova a oração pelos mortos através da seguinte afirmação: “a união daqueles que estão a caminho, com os irmãos falecidos, de maneira alguma se interrompe, antes se vê fortalecida pela comunhão dos bens espirituais (cf. LG 49). A Igreja, desde os primeiros tempos, vem cultivando com grande piedade a memória dos defuntos e oferecendo por eles sufrágios” (cf. *Missal Romano*, p. 693). Assim sendo, não há nenhum problema em rezar pelos mortos. A oração ajuda a manter viva a lembrança daqueles que um dia passaram pela nossa vida.

Cremação: outro tema relacionado aos mortos em que ainda restam dúvidas é sobre a cremação do corpo. Muitas perguntas surgem em torno deste tema, principalmente se a Igreja aceita ou não a cremação. A Igreja incentiva o sepultamento, mas não coloca objeções sobre a cremação, porque queimar o corpo não significa queimar a alma. A cremação é uma escolha da família e este ato não desvirtua

da fé católica se for praticado com princípios cristãos. Assim dizem alguns documentos da Igreja sobre este tema:

- a) *Catecismo da Igreja* – “A Igreja permite a cremação, se esta não manifestar uma posição contrária à fé na ressurreição dos corpos” (n. 2301).
- b) *Código de Direito Canônico*: “A Igreja recomenda insistentemente que se conserve o costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido escolhida por motivos contrários à doutrina cristã” (Cân. 1176 § 3).
- c) *Ritual de Exéquias*: “Àqueles que tiverem optado pela cremação do próprio cadáver pode conceder-se a possibilidade de celebrarem as Exéquias cristãs, a não ser que a sua decisão seja devida a razões contrárias à fé cristã” (n. 16).

Desse modo, os principais documentos da Igreja não colocam objeção à cremação, mas apenas objetam se ela consistir em atos contrários à fé cristã.

Missas do sétimo dia: essa é uma prática comum e aprovada pela Igreja, e que tem suas razões teológicas e sociológicas. As razões teológicas estão relacionadas às Sagradas Escrituras que trazem diversas passagens sobre o número sete e seus correlatos, e algumas dessas passagens estão ligadas à morte ou ao ato de rezar pelos mortos sete dias após a morte, ou durante sete dias depois da morte. Faço aqui apenas a referência ao livro do Gênesis, onde se mostra que Deus criou o mundo em seis dias e no sétimo ele descansou. Quando marcamos uma missa de sétimo dia estamos, de certo modo, fazendo uma alusão à missão cumprida pela pessoa falecida e a entrega dela definitivamente nas mãos de Deus, simbolizada nos sete dias depois da morte. Assim, ao mandar rezar uma missa de sétimo dia o fiel está manifestando a certeza de que aquele ente querido, depois de cumprir sua missão neste mundo, descansa junto de Deus.

As razões sociológicas correspondem às dificuldades que muitos familiares têm de comparecer no momento da morte, ou no tempo de velório da pessoa falecida, para se solidarizar com a dor da família enlutada. Assim sendo, na ocasião

da missa de sétimo dia é possível que parentes distantes se programem para esse momento solidariedade. Essas são duas das razões para a missa de sétimo dia. Informações mais aprofundadas podem ser encontradas no meu livro *Missa do sétimo dia* (Ed. A Partilha).

Temos, assim, um resumo sobre alguns dos temas relacionados com a morte, rezar pelos mortos e suas circunstâncias, pois o Dia de Finados é um dia propício para refletir sobre a finitude da vida neste mundo e assim viver melhor os dias que Deus nos conceder por aqui. Informações mais aprofundadas sobre estes temas poderão ser encontradas em duas obras de minha autoria: *Missa do sétimo dia* (Ed. A Partilha) e *Ritos de passagem no catolicismo* (Ed. Mauad). E quem desejar rezar com esse tema, sugiro o livro *Novena para famílias enlutadas* (Ed. A Partilha) e *Pastoral da Esperança* (Ed. Vozes), ambos de minha autoria.

Pe. José Carlos Pereira*

* **José Carlos Pereira** é padre passionista, teólogo pastoralista, com doutorado em Sociologia pela PUC/SP. É autor de mais de 50 livros, em diversas áreas. É membro do Núcleo de Estudos, Religião e Sociedade (NURES), do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC/SP; é articulista do *Jornal do Santuário de Aparecida* e da *Revista Paróquias & Casas Religiosas*, da qual também faz parte do Conselho de conteúdo, e participou das pesquisas do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), fazendo a análise sociológica das suas últimas pesquisas sobre a realidade do clero brasileiro. É assessor do CCM (Centro Cultural Missionário), de Brasília/DF, organismo da CNBB, e ministra cursos e palestras em paróquias e dioceses do Brasil.
Endereço do autor: Av. Dr. Carlos Botelho, 2371 – CEP 13560-251 – Centro – São Carlos/SP.

Mensagem da XIX Assembleia Geral da CLAR

Aos consagrados e consagradas
da América Latina e Caribe

Bogotá, 22 a 24 de junho de 2015.

Queridas/os Irmãs/ãos, paz em Cristo, nossa vida. Convidados em Bogotá, religiosos e religiosas provenientes das Conferências da América Latina e do Caribe, e representantes dos EUA e do Canadá, reunimo-nos para celebrar a Assembleia Geral da XIX CLAR sob o tema inspirador: “Ouvir a Deus onde a vida clama”. Desde o início do encontro, fomos convidados a inclinar a cabeça para ouvir o que cada um/uma levava no fundo de seu coração e a permanecer nessa atitude para ser capaz de acolher também a pulsação do coração da humanidade.

A partir desta dinâmica, começaram a transbordar as mais genuínas aspirações de uma Vida Religiosa Consagrada alegremente profética e semente de esperança; ao mesmo tempo, iam se manifestando a dor e a preocupação ante as dramáticas situações de morte que golpeiam nossos povos, particularmente em nações que estão passando por grandes conflitos. Ante este acúmulo de realidades contrastantes, passamos a invocar o fogo-amor da *Ruah* e abraçar a Palavra de Deus para que o nosso discernimento fosse sob a claridade de sua luz e de acordo com a profundidade do seu olhar.

Esta Assembleia se realiza em um contexto muito especial: em primeiro lugar, pela recente beatificação de Mons. Oscar Arnulfo Romero, a quem a Vida Religiosa Consagrada tem adotado desde tempos remotos como um modelo latino-americano a imitar em sua consagração martirial e em sua solidariedade com os pobres; em segundo lugar, interpretamos como um presente do céu a encíclica *Laudato Si* que o Papa Francisco nos escreve precisamente durante estes dias. Nós a experimentamos como uma explosão de

oxigênio que nos convida a um estilo de Vida Religiosa Consagrada que ultrapasse fronteiras e se empenhe na construção de uma casa de portas abertas para toda a criação, ou melhor, que assuma a tarefa de transformar em Betânia o universo inteiro; e, finalmente, esta Assembleia acontece logo depois do Congresso da Vida Consagrada que, conforme o parecer de muitos participantes, tem resultado um *kairós* (tempo incomparável de graça) para o caminhar da VRC em nosso continente.

As palavras mais repetidas durante nossas reflexões têm sido “Ecos” e “Horizontes da inovação”, porque efetivamente se trata de continuar o fluxo do Espírito provocado desde o Congresso e fazer eco às inquietações que emergem de nossos países e culturas onde estamos servindo como discípulas/os missionárias/os do Evangelho.

Destacamos aqui alguns desses anseios que denotam a força missionária de nossos carismas particulares e nossa identidade comum como VRC:

- queremos uma Vida Religiosa Consagrada mais humanizada e humanizadora, por meio de relações de respeito e amor evangélicos;
- as/os consagradas/os sentimo-nos chamadas/os a ser especialistas de comunhão ante o desafio de uma sociedade extremamente violenta e desintegradora;
- sentimos a urgência de cuidar da criação como parte integrante da nossa vocação, conscientes da ganância das multinacionais e governos que exploram a Mãe Terra sem escrúpulos;
- o clamor de uma VRC crível por sua pobreza e sua inserção solidária entre os mais pobres, preferencialmente na periferia e ao lado dos grupos humanos mais vulneráveis, como os imigrantes, os afrodescendentes e os povos indígenas;
- a promoção em todos os níveis de um modelo de Igreja que ponha no centro o diálogo e a circularidade como o único caminho viável para a paz e para uma evangelização verdadeiramente encarnada na alma da humanidade;

- desta visão partem igualmente as novas formas que estão nascendo de intercongregacionalidade e missão compartilhada com as Igrejas locais e em igualdade com os leigos e leigas;
- queremos acolher a vitalidade e a contribuição das Novas Gerações com determinação;
- a assimilação fundamental de uma espiritualidade Trinitária profunda e autêntica que alimenta a mística e a profecia típicas da VRC.

Procurando expressar simbolicamente estes horizontes de novidade, temos elegido para o triênio 2015–2018 o ícone da Visitação de Maria a Isabel. Nós descobrimos no abraço destas duas mulheres cheias de afeto o anúncio de intensa alegria de um Deus que não desilude a humanidade e convida a proclamar a todas as nações a chegada daquele que dá sentido às nossas buscas mais íntimas e a derrubar os tronos opressores, para que aconteça a utopia trinitária da humanidade universal e para descobrir os rostos das “Isabéis” de hoje e cantar os nossos “Magnificats”.

Agradecemos aos membros da Presidência, que levaram adiante sua missão com simplicidade, espírito de sacrifício, clareza de visão e capacidade para implementar o programa assumido, apesar dos obstáculos. Este reconhecimento é estendido à secretaria adjunta e aos leigos e leigas que têm se dedicado sem reservas. Ao pronunciar as palavras de Maria: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a sua Palavra”, temo-nos comprometido com a nova Presidência a colaborar e a lutar unidos por uma Vida Religiosa Consagrada que seja a presença real da misericórdia e da ternura de Deus para esta humanidade ansiosa de verdade e liberdade.

Este é o núcleo da mensagem que desejamos partilhar:

Deus novamente tem nos surpreendido e estamos con (e)0.5 (r Tw5A 9 26.9 (1 (i)-6 (g)-35 (i)e)0.5 (r Tw (r Tw5 (tg5 Tw -23.226 -1.217 Td4)-8.7 (s l)8.45 (e)

Conferência Latino-americana e Caribenha de Religiosos/as

Congresso da Vida Consagrada

“Escutemos a Deus onde a vida clama”

Bogotá, Colômbia, 18 a 21 de junho de 2015

Mensagem Final

“Ditosa tu que creste” (Lc 1,45), Vida Consagrada, porque a *Ruah* divina fará surgir em ti uma nova forma de vida.

1. As/os participantes no Congresso de VC da América Latina e Caribe dirigimos esta Mensagem às pessoas consagradas, a nossos Pastores e a todo o Povo de Deus, do qual somos parte, com a esperança de que, por meio deste texto, possam também experimentar os apelos que o Espírito Santo nos faz a um maior compromisso na vivência da nossa vocação.

Realizamos o Congresso no contexto no Ano da VC, convocado pelo Papa Francisco, em ocasião do 50º aniversário do Concílio. Durante os dias do Congresso, escutamos a Deus onde a vida clama, reafirmamos nossas convicções e vislumbramos os “horizontes de novidade na vivência de nossos carismas hoje”. Ao terminar este Congresso, expressamos nossa solidariedade às vítimas da violência e ao processo de paz na Colômbia.

2. Feitos significativos no Congresso. Alegramo-nos pelo posicionamento das Novas Gerações da VC e pela sua participação no Congresso. Sua palavra e seu trabalho, seus questionamentos e sua força desafiam as gerações anteriores a olhar não para o passado, mas para o futuro, para a novidade que Jesus nos promete. Com seu magistério e seu testemunho, Francisco nos motiva a criar a cultura da ternura

e da misericórdia. Foi providencial que durante o Congresso tenha sido publicada a Encíclica *Laudato Si*, na qual o Papa nos convida a assumir “o cuidado da casa comum”. Também nos confronta e estimula a memória do beato Oscar Romero, que propõe à VC uma maneira concreta de ser profecia martirial, fiel ao Evangelho e livre de amarras.

3. Betânia. A VC da América Latina e Caribe, ao contemplar o ícone da comunidade de Betânia – Marta, Maria e Lázaro –, sente-se chamada por Deus a ser casa de encontro, comunidade de amor e coração de humanidade. Quando participamos no Congresso escutamos, como dirigidas a nós, as ordens que Jesus deu no contexto da ressurreição de Lázaro: “Retirem a pedra!”, “Venha para fora!”, “Tirem as amarras para que possa andar” (Jn 11,39.43-44). Queremos viver estes pedidos; somente assim podemos acolher o Reino do Abbá, irradiar a beleza de seguir Jesus Cristo e experimentar a alegria do Evangelho.

4. Um antes e um depois para a VC. Este Congresso, em sintonia com o Vaticano II, deu-nos um impulso de ressurreição, que levantará a VC do túmulo de uma pessimista nostalgia do passado e a impulsionará para o futuro, que é a vida nova no Ressuscitado. A presença de Jesus no meio da comunidade gera vida, alegria, missão, compromisso mútuo; cria pessoas abraçadas a ele e ao Reino, não às obras e estruturas; gera, na Igreja e para a Igreja, uma VC renovada e ressignificada, não de massas, mas de pessoas próximas que vivem a irmandade em um clima de maior compaixão e misericórdia, e são profecia do Deus de Jesus; uma VC que origina novos vínculos intercongregacionais e novos espaços que nos evangelizam com rostos diversos.

5. Horizontes de novidade. Entre os diversos “horizontes de novidade na vivência de nossos carismas hoje” que percebemos no Congresso, ressaltamos os seguintes:

a) A Trindade é o modelo de nossa irmandade; conduz-nos à unidade na diversidade, faz com que nossas relações sejam circulares e em igualdade.

- b) O seguimento de Jesus Cristo, a partir da mística e da profecia, tem como horizonte o martírio, eloquente testemunho que é capaz de tocar o coração dos demais e suscitar a conversão. Devemos recuperar a memória profético-martirial de nossos povos.
- c) Uma resignificação dos conselhos evangélicos – à luz do Verbo de Deus que se encarna e entrega sua vida na cruz, e da escuta da Palavra – levará a pessoa consagrada à liberdade, à gratuidade-gratidão e à compaixão
- d) A VC está chamada a partilhar espiritualidade, missão e vida com leigos e leigas, a partir de uma eclesiologia de comunhão, constituindo *famílias carismáticas*.
- e) Uma VC pobre e para os pobres implica hoje participar na “revolução da ternura” (EG 88), “usar a medicina da misericórdia” (MV 4) e cuidar “da casa comum” (LS).
- f) A VC há de sair de sua autorreferencialidade e de tudo o que impede o contato direto com o próximo.
- g) A intercongregacionalidade e as comunidades intergeracionais são desafios que exigem discernimento e criatividade e que nos dão a oportunidade de enriquecer-nos mutuamente, crescer e complementar-nos.
- h) As culturas, a ecologia e a humanização são espaços nos quais a vida se vê ameaçada, espaços nos quais a VC deve estar presente e atuar.

6. Fazer com que aconteça. Concluímos o Congresso com o coração ardente, porque percebemos o Espírito de Deus atuando em nosso meio. Havendo conhecido os apelos que a *Ruah* divina nos fez, devemos agora fazer com que aconteça a novidade da VC ou, mais precisamente, colaborar com a *Ruah* no surgimento de uma VC nova, participativa e prismática, e não piramidal e estática. É necessário impulsionar já essa colaboração; ser pessoas proativas e ousadas, que “criam problemas”, começando cada um/a por si mesmo/a, por nossas comunidades locais, pelas próprias congregações e conferências. As instituições do Congresso são sementes que darão fruto somente se passarmos da teoria à prática.

7. Em marcha. “Venha para fora!”, disse Jesus a Lázaro. O Papa Francisco insiste em que “a saída missionária é o *paradigma de toda obra da Igreja*” (EG 15), e espera da VC que saia de si mesma “para ir às periferias existenciais”. Vamos, caminhemos em companhia de quem luta por um mundo mais justo e inclusivo, mais fraterno e mais alegre!

Tiremos as amarras da VC para que possa caminhar; tiremos nossas amarras e caminhemos com Maria, que vai com prontidão a servir sua prima Isabel. O encontro destas duas mulheres foi o começo de algo novo, de uma vida fecunda e missionária. Saiamos e caminhemos com Maria, e façamos com que a humanidade – João – pule de alegria, e que a criação – Isabel – fique cheia do Espírito Santo (Lc 1,39-44)!

Panamazônia

Fonte de vida no coração da Igreja

Irmãos e irmãs em Cristo!

Consideramos nosso dever de pastores compartilhar nossas preocupações e angústias com os irmãos e irmãs que vivem na Panamazônia. Deus, em seu infinito amor, criou essa maravilhosa região para todos: indígenas, ribeirinhos, migrantes, habitantes de vilas, de cidades e de grandes metrópoles. As condições de vida destes povos com suas culturas e o seu futuro nos impelem a ficar mais próximos uns dos outros e a viver em “rede” para resistirmos juntos às investidas de devastação e violência. É dessa maior proximidade e solidariedade que emerge nossa esperança. A Amazônia tem futuro. Nós, que vivemos nessa região, somos chamados a construí-lo.

1. Preocupações pastorais

Ao fazermos uma retrospectiva sobre os mais de quinhentos anos nos quais a Igreja Católica está presente em terras amazônicas, encontramos luzes e sombras. Ao lado dos mártires que resistiram à conquista havia quem colaborasse com os diferentes sistemas de colonização. Nossa primeira atitude diante dessa história é um humilde pedido de perdão. Pedimos perdão pelas vezes que não conseguimos nos livrar da influência da empresa colonial e pelas vezes que pensamos ser suficiente salvar almas, negligenciando, porém, os corpos. Muitos missionários estavam convictos de que uma missão sem contar com o braço secular armado seria uma empresa infrutífera. E a administração colonial bem sabia que sem os missionários seria impossível dominar os primeiros habitantes dessas terras. A busca de

ouro dos conquistadores comprometeu a busca de almas dos missionários.¹

Uma sincera conversão e a vontade de aprender dos erros do passado estão visceralmente ligadas a nosso pedido de perdão por não termos aceito sempre os habitantes da Amazônia como nossos primeiros interlocutores pastorais. No entanto, a bem da verdade, é preciso lembrar também os acertos da presença eclesial e pastoral no passado e nos dias de hoje na região panamazônica, que “é pluriétnica, pluricultural e plurirreligiosa. Nela, cada vez mais, se intensifica a disputa pela ocupação do território. As populações tradicionais da região querem que seus territórios sejam reconhecidos e legalizados” (DAp 86).

A voz de profetas ressoava e está ressoando no silêncio das selvas, a coragem de confessores enfrentava e está enfrentando os interesses privados e o sangue dos mártires banhava e está banhando a terra e os rios da Amazônia. Com o Papa Francisco afirmamos que “a Igreja está na Amazônia não como aqueles que têm as malas na mão para partir depois de terem explorado tudo o que puderam. Desde o início, a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e lá continua presente e determinante no futuro daquela área”.² Hoje, a Igreja da Amazônia é “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198).

A expansão do grande capital na exploração da Amazônia através da mineração, agropecuária, construção de estradas, hidrelétricas e empresas madeireiras exige da Igreja maior presença profética. As antigas desobrigas ou tradicionais visitas esporádicas, uma vez ou outra por ano, são insuficientes para o fortalecimento pastoral das nossas comunidades. Exige-se maior esforço na luta contra o neocolonialismo e neodesenvolvimentismo em curso. Ao valorizar as culturas amazonienses e nos empenhar por uma evangelização inculturada, combatemos o neocolonialismo. Ao apoiar as forças políticas que se empenham na valorização de um desenvolvimento regional e microrregional com a participação efetiva da população regional, contribuimos para conter

1 Cf. VIOTTI, Hélio Abranches (org.). *Cartas* (01.09.1554): correspondência ativa e passiva. In: *Obras Completas*. São Paulo, Loyola, 1984. vol. 6, p. 57 [01.09.1554].

2 Discurso do Santo Padre Francisco no encontro com o Episcopado Brasileiro. 27 de julho de 2013. Rio de Janeiro, Brasil.

o neodesenvolvimentismo. Ambas as perspectivas, a cultural e a econômica, têm grande relevância pastoral.

O Papa nos anima a construir uma Igreja com “rosto amazônico” e a aprofundar “a formação de um clero autóctone, inclusive para se ter sacerdotes adaptados às condições locais”.³ Já em Aparecida (2007), os bispos da América Latina e do Caribe tiveram consciência de que “o número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da Eucaristia. Recordando que a Eucaristia faz Igreja, preocupa-nos a situação de milhares dessas comunidades privadas da Eucaristia dominical por longos períodos de tempo” (DAP 100e).

Na “Carta do Primeiro Encontro da Igreja Católica na Amazônia legal”, de 2 de novembro de 2013, os bispos da região lamentam: “Causa-nos uma profunda dor ver milhares de nossas comunidades excluídas da Eucaristia dominical. A maioria delas só tem a graça de celebrar o Memorial da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor uma, duas ou três vezes ao ano”. Desde o Vaticano II (1962-65) sabemos que “nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima Eucaristia, a partir daí começa toda a educação do espírito comunitário” (PO 6). Também a Constituição Dogmática *Lumen gentium* fala da Eucaristia como “fonte” e “ponto culminante de toda a vida cristã” (LG 11). Torna-se urgentemente necessário criar estruturas em nossa Igreja para que os 70% de comunidades, que hoje estão excluídas da celebração eucarística dominical, possam participar da “fração do pão” (At 2,42), do “sacramento da piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade, banquete pascal” (SC 47”).

“Relançar a obra da Igreja” (DAP 11) na Amazônia e aprofundar o “processo de inculturação” (EG 126) exige da Igreja na Amazônia fazer propostas “corajosas”, ter “ousadia” e ser “destemido”, como nos fala o Papa Francisco.⁴ A inculturação visa à assunção dos últimos como próximos e primeiros. Sua vida é o lugar preferencial da epifania de Deus. Se o ponto de partida da inculturação é a presença

3 Discurso do Santo Padre Francisco no encontro com o Episcopado Brasileiro. 27 de julho de 2013. Rio de Janeiro, Brasil.

4 Discurso do Santo Padre Francisco no encontro com o Episcopado Brasileiro. 27 de julho de 2013. Rio de Janeiro, Brasil.

no meio da vida fragmentada, o ponto de chegada é a participação da vida integral. Vida fragmentada e vida integral são articuladas por uma proposta, o Evangelho, e por um caminho a percorrer, a missão.

Nos documentos das Igrejas na Panamazônia, o testemunho missionário vivido no dia a dia se expressou no compromisso de seus pastores com a dignidade da pessoa humana, principalmente os mais empobrecidos, com a defesa de seu meio ambiente e com uma presença pastoral mais intensa e integral a serviço da vida.

2. Rede Eclesial Panamazônica (REPAM)

O apelo em defesa da vida dos povos da Panamazônia e do seu bioma ecoou fortemente no Encontro da Rede Eclesial Panamazônica, realizado em Brasília, nos dias 9 a 12 de setembro de 2014. Nesses dias de comunhão entre as Igrejas que compõem os países da Panamazônia, os institutos de vida consagrada missionária nela inserida, as instituições eclesiais e colaboradores fraternos da Europa e dos Estados Unidos, foi fundada a REPAM, Rede Eclesial Panamazônica como organismo de articulação e comunhão que busca estreitar os laços de colaboração e alcançar uma visão comum do trabalho missionário e evangelizador na região.

A REPAM se coloca a serviço dos povos da Panamazônia, luta em defesa de sua sabedoria ancestral, de seus territórios e pelo seu direito a uma “participação efetiva nas decisões” que dizem respeito a sua vida e seu futuro. Os povos amazônicos têm “o direito à consulta” diante de todas as políticas implantadas na região. Reconhecemos e valorizamos a sua espiritualidade na relação com a criação.

A urgência do apelo pela defesa do meio ambiente e da vida dos povos dessa região veio da constatação dos impactos da implantação de projetos macroeconômicos. Articulados em torno da Iniciativa Integral de Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) e somados ao avanço do agronegócio e da pecuária predatória, tais projetos colocam em risco a flora e a fauna amazônicas, a sua rica biodiversidade e

tornam cada vez mais palpáveis as ameaças do aquecimento global sobre essa região e sua repercussão em todo o planeta.

Denunciamos esses projetos, sua busca do lucro a qualquer custo e seus efeitos destruidores que colocam em risco a vida dos povos da Amazônia. Denunciamos a presunção daqueles que definem as estratégias político-econômicas com uma concepção colonialista de progresso que tenta subjugar a Amazônia. Denunciamos igualmente a iniquidade de uma mentalidade científica e civilizatória que menospreza e manipula o saber dos povos autóctones e justifica em sua prepotência a exploração sem limites de todo meio natural, exaurindo e destruindo seus recursos, verdadeiras dádivas de Deus Criador.

Desejamos levar esse apelo aos participantes da COP 20 (Conferencia de Partes de la Convención Marco de Naciones Unidas sobre Cambio Climático – CMNUCC), que acontecerá no próximo mês de dezembro, em Lima, Peru. Fazemos nossas as preocupações e manifestações daqueles que procuram enfrentar as causas das mudanças climáticas. Empenhamo-nos para fazer ecoar nessa reunião a voz e o testemunho dos povos originários dos países da Amazônia, portadores de um saber ancestral que pode contribuir para o futuro de seu bioma e o “bem viver”⁵ de toda humanidade.

Entendemos que toda a Igreja e a humanidade inteira têm a corresponsabilidade comum na defesa do bioma da bacia amazônica. Assim, pensando nas futuras gerações, urge ouvir a voz de seus povos originários da Panamazônia.

3. Mensagem de esperança

Aproveitamos esta oportunidade para levar uma mensagem de esperança a todo o Povo de Deus. Em primeiro lugar, aos homens e mulheres de todas nações, para que se sintam corresponsáveis por nosso planeta, nosso lar comum, e por conseguinte pela Amazônia. Neste nosso mundo dominado por um consumismo desenfreado, fazemos um apelo à conversão, a uma mudança de mentalidade e de nossas práticas, de nossos hábitos e atitudes. Precisamos

5 O *Sumak Kawsay* dos povos andinos.

ouvir atentos o Papa Francisco que nos faz um forte apelo “ao respeito e à salvaguarda de toda a Criação que Deus confiou ao homem, não para que a explorasse de maneira inescrupulosa, mas a transformasse em um jardim”⁶.

Desejamos alimentar a perseverança e a esperança dos discípulos e das discípulas missionários que consagram suas vidas no dia a dia da convivência com os povos da Amazônia. Muitos são os leigos e leigas, padres, religiosas e religiosos e bispos que testemunham sua fé no anúncio da Palavra, na vivência comunitária e na solidariedade em todos os âmbitos da vida desses povos. Sua proximidade e sacrifício, ao desdobrarem sua presença em inúmeras comunidades desse imenso território, são o sinal permanente de uma Igreja samaritana e profética, sempre viva e servidora no coração da Amazônia.

Queremos viver uma “cultura de encontro” com todos os povos indígenas, ribeirinhos, pequenos camponeses e com todas as comunidades de fé. Em meio a tantas dificuldades e ameaças à sua cultura e às suas formas de vida, os discípulos e as discípulas missionários são testemunhas vivas de esperança. A fundação da REPAM e nosso compromisso em estreitar nossos laços de colaboração e comunhão na missão querem prestar um serviço que possa criar suas raízes no solo fértil em que vivem os nossos povos. Nossa união com os habitantes da Panamazônia se enraíza no coração da Trindade que tem o mesmo desígnio para todos: “a vida em plenitude” (Jo 10,10).

Que Nossa Senhora Maria Santíssima, tão carinhosamente amada pelos povos da Amazônia, interceda por nós para que façamos com coragem e intrepidez o que seu Filho hoje e sempre nos pede (cf. Jo 2,5), a nós que temos o privilégio de viver neste chão sagrado, dádiva divina confiada ao nosso zelo e responsabilidade.⁷

Card. Cláudio Hummes, OFM
Mons. Pedro Ricardo Barreto Jimeno, SJ
Mons. José Luis Azuaje
Ir. Mercedes Leticia Casas Sánchez, FSpS

6 Mensagem do Santo Padre Francisco em Audiência Geral. 5 de junho de 2013. Praça de São Pedro.

7 Fonte: <<http://www.cpalsocial.org/documentos/108.pdf>>.

Instituto de Pastoral Vocacional (IPV)

Você conhece o IPV? Visite o site <www.ipv.org.br> e veja o Instituto em ação, informe-se sobre notícias, fotos, vídeos, cursos, inscrição para cursos etc. Este é o endereço da sede: *Instituto de Pastoral Vocacional*, Rua Comandante Ferreira Carneiro, 99 – São Paulo – SP – CEP 02926-090. E estes são os contatos – Tel. / Fax: (11) 3931-5365 – E-mail: ipv@ipv.org.br. Pe. Juarez Albino Destro é o diretor-presidente do IPV.

O Instituto de Pastoral Vocacional (IPV) começou a ser organizado no final dos anos 1980, a partir de iniciativa do então Setor Vocações e Ministérios da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). A ideia era convocar as congregações e os institutos com carismas vocacionais para que se conhecessem e vissem a possibilidade de juntar forças para servir a Igreja no campo das vocações.

A fundação do IPV aconteceu no dia 15 de agosto de 1993, no Centro Rogate do Brasil, em São Paulo (SP), sede atual do Instituto. Na assembleia de fundação foram aprovados os estatutos e o regimento, indicada a diretoria executiva, planejadas as atividades e serviços, culminando com a celebração litúrgica festiva. Em todo esse processo esteve presente Dom Joel Ivo Catapan, SVD, bispo auxiliar de São Paulo, cognominado “o bispo das vocações”, falecido em 1999. Ele foi um pai bondoso, dando apoio, incentivando e animando o surgimento do IPV.

A partir de sua fundação, o IPV começou a desenvolver sua missão de servir a Igreja do Brasil no campo das vocações e ministérios, por meio de várias iniciativas, tais como:

simpósios, encontros de formação, escolas para animadores vocacionais, publicações, assessorias e pesquisas.

O IPV é organizado e constituído por Congregações, Institutos de Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica da Igreja Católica que tenham por carisma específico o trabalho vocacional. Rege-se pelo Estatuto Social, pela legislação brasileira, pelo Código de Direito Canônico, pelas disposições da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).

Conheça as congregações e os institutos de Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica que fazem parte do IPV: Congregação das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia; Congregação das Filhas do Coração Sacerdotal de Jesus; Congregação das Filhas do Divino Zelo; Congregação das Irmãs das Divinas Vocações; Congregação das Servas da Santíssima Trindade; Congregação de Jesus Sacerdote; Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus; Congregação Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos; Fraternidade dos Padres Operários Diocesanos do Coração de Jesus; Sociedade das Divinas Vocações.

A Editora e Livraria do Instituto de Pastoral Vocacional (EL-IPV) foi fundada no dia 19 de abril de 2006, tendo sido aprovada pelo Conselho Superior como uma filial do IPV. É destinada à pesquisa, edição, divulgação e promoção de material de conteúdo pastoral/eclesial, especialmente e sobretudo nos setores da animação vocacional, que engloba a cultura vocacional, pastoral da juventude e familiar, catequese e ensino religioso, seja na versão impressa, virtual, seja em mídias (música e filmes).

O Ano da VC é um tempo favorável para a transformação na VRC. Incluir a Pastoral Vocacional nessa transformação é essencial. Diz o Papa Francisco que a Vida Consagrada cresce se a juventude que nos encontra se sente atraída e se nos vir homens e mulheres felizes. Vistasas promoções

vocacionais podem atrair vocações, mas é a alegria e a leveza que as mantêm.

Se algum Instituto Religioso deseja filiar-se ao IPV, entre em contato com o Pe. Juarez. Tel. / Fax: (11) 3931-5365 – E-mail: ipv@ipv.org.br.

Ir. Lauro Daros, marista

Um olhar sobre a Vida Consagrada Apostólica

Nas trilhas do Vaticano II e do Papa Francisco

VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA*

Os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica passam, hoje, por uma travessia particularmente tensa e arriscada. No terreno movediço de seus percursos, multiplicam-se incertezas e ampliam-se perplexidades. Estagnação, desalento e acomodação são tentações frequentes, embora misturadas a buscas sinceras, entregas generosas e tentativas de reconstrução. Pelo que se pode constatar, o ponto nevrálgico não reside no âmbito das *estruturas*, da manutenção de nossas obras ou da rentabilidade de nosso patrimônio. Não é também, na maioria das vezes, um problema ocasionado pela ausência de retas intenções ou de diretrizes seguras (belos documentos, felizmente, não nos faltam!). Trata-se de uma crise mais complexa e radical, uma *crise estrutural*, existencial mesmo, que desestabiliza as vivências que nos fundam, as convicções que nos sustentam, as motivações que nos impelem e as utopias que nos engajam. Crise que toca o que temos de mais essencial e estimulante, o que define nosso ser – possibilitando-nos viver com sentido e paixão contagiante a vocação recebida do Senhor – e configura nosso agir – explicitando a peculiaridade, a beleza e a relevância de nossa forma de vida.¹

Necessário se faz, então, perguntar o que está acontecendo e confrontar o estado atual de nossa vida e missão com a *suprema regula* do Evangelho, a herança dos fundadores, os apelos da Igreja e os clamores da realidade, tal como recomendou o Concílio Vaticano II (1962-1965), verdadeiro divisor de águas na história da Vida Consagrada (VC), convocando-a a uma autêntica conversão no viver, conviver,

* **Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira** é presbítero da Congregação da Missão – CM (Vicentinos ou Lazaristas). **E-mail:** viniciusaugustocm@yahoo.com.br.

¹ Para uma compreensão mais ampla, vale retomar duas magistrais conferências apresentadas no Seminário Nacional da Vida Religiosa Consagrada, promovido pela CRB, em Itaiaci, Indaiatuba (SP), de 23 a 27 de fevereiro de 2012, tendo como tema: “Vida Religiosa: a loucura que Deus escolheu para confundir o mundo”. Ambas foram publicadas em *Convergência*, ano XLVII, n. 453, jul./ago. 2012: HAVENNE, Annette. *A vivência hoje do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada* (pp. 462-471) / PALACIO, Carlos. *Começar de novo: por uma reconstrução da especificidade da Vida Religiosa Apostólica* (pp. 472-483).

agir e transmitir. Tal itinerário foi apenas iniciado e sua continuidade está a exigir maturidade, lucidez e audácia, já que o confronto pode resultar incômodo, tocando feridas, questionando o já estabelecido, pondo a descoberto incongruências e equívocos, desinstalando-nos de fixações, supondo ora flexibilidade, ora firmeza. Trata-se de voltar-nos criticamente para nós mesmos, tomando consciência do que nos tornamos em face do que somos chamados a ser, dentro dos distintos contextos socioeclesiais em que nos fazemos presentes e atuantes. Só assim será possível desencadear um processo de recomposição do tecido da Vida Consagrada Apostólica (VCA),² revisitando seu núcleo, renovando sua face e evidenciando, com clareza sempre maior, sua perene atualidade. Revisar para revitalizar!

I – Situar-se com esperança: realismo e lucidez³

1. Estado atual

A crise atual não é “apanágio” da VCA. Esta não representa uma instituição celeste, protegida das turbulências históricas e imune às suas consequências. Ao contrário, ela se estabelece nas malhas dos impactos socioculturais produzidos pela pós-modernidade, com toda carga de ambiguidade e contradição que suas expressões comportam: reconhecimento da subjetividade e recrudescimento do individualismo, valorização da pluralidade e relativismo ético, ampliação do mercado de trabalho e supremacia do lucro e da competição, secularismo e experiências religiosas pulverizadas, mundo virtual e esvaziamento das relações interpessoais, estímulo da afetividade e busca do interesse próprio, globalização econômica e novos rostos de pobres (migrantes clandestinos, dependentes químicos, trabalhadores subempregados etc.), indústria da sofisticação da vida (meios de comunicação, aparelhos eletrônicos, produtos cosméticos etc.) e precariedade dos serviços públicos elementares (saúde, educação, transporte etc.)... Instaure-se, assim, um novo contexto, cujos desdobramentos, muitas vezes díspares,

2 Neste ensaio, a expressão acomodatória Vida Consagrada Apostólica visa englobar, em linhas gerais, os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, distinguindo-os das Ordens e Comunidades monásticas e contemplativas, cuja natureza, desenvolvimento e estado atual podem apresentar matizes diferentes.

3 Esta é tão somente a primeira parte de um estudo mais amplo. As outras duas se intitulam: “Redescobrir-se com fé: confiança e persistência” e “Recriar com amor: discernimento e audácia”.

requerem consciência esclarecida, senso crítico e posicionamento resolutivo. Saber posicionar-se em face da realidade é uma exigência que se impõe, se não quisermos viver à deriva, sem saber que rumo dar à nossa vida, como barcas soçobrando nos mares revoltos da cultura pós-moderna.

Neste convulsivo cenário de “mudança de época”, caracterizado por aceleradas e radicais transformações, a VCA se vê na encruzilhada de fenômenos emblemáticos e questionadores, que variam de acordo com os distintos ambientes culturais: vertiginosa diminuição do número de vocacionados(as) em contraposição ao rápido envelhecimento de nossos membros (basta ver antigas casas de formação agora destinadas ao acolhimento de nossos anciãos, a exercícios espirituais ou a outras finalidades);⁴ inconsistência vocacional e baixo índice de perseverança (saídas frequentes, compromissos instáveis e permanências desprovidas de convicção e entusiasmo); desencantamento, sensação de exaustão (*ad intra*) e redução da atratividade (*ad extra*); conflitivo descompasso e resistências mútuas entre distintas gerações e linhas de pensamento (dificuldade de interação e diálogo); progressiva perda da visibilidade e do prestígio de nossas obras e instituições (particularmente nos campos da educação, saúde e assistência social); relativização de normas e costumes que, outrora minuciosamente observados, forneciam segurança psicológica e aparente estabilidade disciplinar (uniformidade); dissolução ou fluidez de compromissos antes desejados e assumidos para a vida inteira (estabilidade, pertença, profissão perpétua etc.); credibilidade moral ameaçada pelos imponderáveis casos de escândalo sexual, desvio econômico e abuso de poder etc.

Ao lado e por detrás desses e de outros fenômenos conjunturais, pode-se observar e sentir, em não poucas pessoas consagradas, seja qual for a geração a que pertençam, a palidez da vida espiritual, a fragilidade dos laços comunitários, o declínio do empenho apostólico, a baixa no sentido de pertença, tal como densos nevoeiros a encobrir a memória e a profecia de seu gênero de vida. Embora se reconheça depositária de uma milenar tradição, na qual se harmonizam

4 A realidade é bastante plural, complexa e diversificada. Na Europa Ocidental e na América do Norte, há diminuição e envelhecimento em larga escala, bem como falta de vocações. No Leste Europeu, constata-se um ressurgimento vocacional. Na América Latina, o envelhecimento avança e as vocações também diminuem, mas em um ritmo bem menos acelerado. O que mais preocupa é o baixo índice de perseverança. Na África e na Ásia, as perspectivas são mais animadoras, já que o número de vocacionados(as) é razoável em proporção à quantidade de católicos existentes nos países (cf. BALDERRAÍN, Pedro. Vocaciones en el mundo: hablan las cifras. *Vida Religiosa*, Madrid, 93/6, p. 286-293, 2012).

fecundidade contemplativa, empenho ascético, compromisso missionário e entrega martirial, a VCA se vê constantemente exposta a insídias que ameaçam conspurcar seus fundamentos mais sólidos, fraturando sua unidade de coração, espírito e ação. Os desafios são enormes e campeiam consagrados(as) de todas as idades e procedências, urgindo o aprofundamento da mística como resposta a uma espiritualidade epidérmica, ocasional e etérea; solicitando o estreitamento dos laços de fraternidade e comunhão, como resposta à tentação de fazer do eu o centro e a meta das próprias buscas e o critério decisivo dos discernimentos individuais e coletivos; requerendo a disponibilidade para a missão, recolocada no horizonte do Reino, como resposta alternativa ao marasmo pastoral, à sôfrega manutenção de instituições e à anemia profética do profissionalismo religioso. Numa palavra, a crise atual, ao mesmo tempo em que aponta para o esgotamento de um modelo histórico de VC, acena para a urgência de voltarmos à sua *forma vitae* original, cuja referência fontal e permanente não é outra senão o Evangelho: a pessoa, a mensagem e a missão de Jesus Cristo, seguido de perto por nossos fundadores(as). Como recorda o Vaticano II, no decreto *Perfectae Caritatis*: “Dado que a Vida Religiosa tem por norma última o seguimento de Cristo proposto no Evangelho, esta deve ser a regra suprema de todos os Institutos” (PC 2).⁵ Só assim poderemos conquistar a maturidade, a liberdade e a coragem de que precisamos nos revestir para refundar com lucidez nossas estruturas pessoais, comunitárias e institucionais, apoiando-nos no manancial de vida contemplativa, fraterna e missionária que herdamos das gerações que nos precederam.⁶

Aos desafios supramencionados, correspondem três tentações frequentemente elucidadas pelo Papa Francisco e mais uma vez nomeadas em sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (EG),⁷ sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual: o “mundanismo espiritual” (nn. 93-97), a “autorreferencialidade” (nn. 8.94.95) e a “missão como apêndice” (nn. 78.273). Com fina sensibilidade e argúcia pastoral, o atual Pontífice delinea os principais desafios que interpelam a

5 Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 277-295.

6 Clarividentes considerações a respeito do estado atual da VC e substanciais pistas para sua reconfiguração ante os apelos do mundo atual podem ser encontradas nos diversos artigos que compõem o volume resultante do Congresso Internacional da Vida Consagrada, realizado em Roma (Itália), de 23 a 27 de novembro de 2004:

Paixão por Cristo, paixão pela humanidade. São Paulo: Paulinas, 2005.

7 FRANCISCO. *Evangelii gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

Igreja na hora presente. E o faz, particularmente, no capítulo II, ao discorrer sobre a *crise do compromisso comunitário*. Em três números, estende seu olhar à VC, aludindo à situação atual e englobando os aspectos fundantes de sua identidade:

Hoje, nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo *peessoas consagradas*, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. São três males que se alimentam entre si (EG 78).

Para quantos estão feridos por antigas divisões, resulta difícil aceitar que os exortemos ao perdão e à reconciliação, porque pensam que ignoramos a sua dor ou pretendemos fazer-lhes perder a memória e os ideais. Mas, se virem o testemunho de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas, isso é sempre uma luz que atrai. Por isso me dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. A quem queremos evangelizar com estes comportamentos? (EG 100).

Em muitos lugares, há escassez de vocações ao sacerdócio e à Vida Consagrada. Frequentemente, deve-se isso à falta de ardor apostólico contagiante nas comunidades, pelo que estas não entusiasмам nem fascinam. Onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas (EG 107).

Pela clareza e contundência, as palavras do Papa dispensam glosas e acréscimos. Entretanto, convém enfatizar cinco expressões que parecem traduzir, com incomum pertinência, limites, incongruências, tendências ou riscos que incidem diretamente sobre a VCA:

- *“Preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento”*: como decorrências do individualismo contemporâneo, regurgitam a prevalência da cultura do bem-estar e da satisfação pessoal, a autoafirmação a todo custo, a sobreposição de demandas subjetivas e emocionais em relação a valores objetivos e exigências inegociáveis.
- *“Viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade”*: porque desvinculadas de uma mais sólida experiência de fé e desprovidas de convicção vocacional, a disponibilidade se enfraquece e a missão deixa de ser fonte de sentido e revigoramento, sobretudo quando requer maior doação e renúncia, fadiga e sacrifício. Nunca será demais recordar que a força motriz da missão não se encontra na subjetividade do consagrado(a) ou em seu bem-estar. O que sustenta e orienta o ardor missionário é a experiência do Deus que chama e envia e a percepção de que há irmãos que necessitam e esperam.
- *“A vida espiritual confunde-se com momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização”*: entendida como refúgio e isolamento e dissociada das outras dimensões da consagração, a vida espiritual se acanha, perdendo sua capacidade de interpelar a conduta pessoal, corrigir desvios e inflexões, iluminar o processo de conversão, aprimorar as relações humanas e arrojar o elã missionário. A originalidade da VCA repousa precisamente na unidade articulada entre mística, comunidade e missão, como dimensões de uma mesma identidade.
- *“Espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, desejos de impor as próprias ideias a todo custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas”*: ausência de valores humanos elementares, indispensáveis a qualquer convivência que se pretenda minimamente pacífica e verdadeiramente fraterna, pronta a testemunhar a força regeneradora do amor cristão, feito acolhimento, respeito, perdão, paciência e reconciliação.

Dessa integridade ética, dependerá sempre a qualidade do testemunho pessoal e comunitário.

- *“Escassez de vocações... Frequentemente, deve-se isso à falta de ardor apostólico contagiante nas comunidades, pelo que estas não entusiasma nem fascina”*: uma das formas mais genuínas de animação vocacional é a paixão missionária que se difunde, despertando adesões e firmando compromissos. Quem de nós nunca se impressionou diante do testemunho de um(a) consagrado(a) feliz, generoso, esquecido de si, abnegado, visivelmente identificado com sua vocação e missão? No mar de palavras e imagens em que somos lançados pela sociedade da comunicação, os discursos e propagandas facilmente se perdem, ainda mais se não forem acompanhados de uma vida coerente, penetrada dos valores e ideais que se deseja propor aos outros.

De tudo o que foi dito, fica a certeza: ante as cisões e impactos provocados pela crise, precisamos voltar nosso olhar, concentrar nossa atenção e canalizar nossas energias para o tesouro da vocação, depositado pelo Senhor na fragilidade de nosso ser consagrado. Grande é o risco de nos preocuparmos apenas em consertar as fissuras e trincas do vaso de nossas estruturas, obras e instituições, atendo-nos a urgências práticas e descuidando do que é mais precioso e determinante para a qualidade de nossa entrega ao Reino. É de tanto sacrificar o essencial em função do urgente que podemos deixar de lado a urgência do essencial. E este será sempre o caminho mais fácil: ficar nas superfícies e não descer às realidades mais profundas, porque são também as mais exigentes, as que demandam discernimento mais acurado, oração mais intensa, reflexão mais abrangente, quando não dolorosas rupturas, opções de maior valentia e até mesmo êxodos heroicos. Aqui, cabe perguntar: Quais as preocupações que nos inquietam? Quais os assuntos que compõem as pautas de nossas reuniões comunitárias e provinciais? Qual o conteúdo das visitas dos superiores(as) às comunidades locais? Tudo isso gira em torno ou aponta para o essencial, para o que realmente qualifica nossa conduta e amplia o horizonte de nossa fidelidade? Importa, pois, estabelecer prioridades

claras e meios adequados para lograr a revitalização espiritual, comunitária e missionária necessária à recomposição do tecido da VCA e, assim, recuperar sua genuína riqueza, certos de que este tesouro “pertence a Deus e não a nós mesmos” (2Cor 4,7).

2. Realismo com esperança

Não podemos dizer que as estrelas morreram simplesmente porque o céu está nebuloso. “Nem tudo está perdido por te acontecer alguma contrariedade”, alenta-nos a *Imitação de Cristo*, com sua habitual penetração psicológica (3,30,3).⁷ Para que o realismo não degenerem em “pessimismo estéril”, obnubilando a percepção de toda bondade e beleza semeada pela VCA, como testemunha privilegiada da “alegria do Evangelho”; a este necessário realismo – que nos permite reconhecer avanços, retrocessos e estagnações – devemos unir a virtude peregrina da esperança, que amplia nossos horizontes e põe em marcha potencialidades às vezes inexploradas, já que “um maior realismo não deve significar menor confiança no Espírito, nem menor generosidade” (EG 84).⁸ Não podemos duvidar que o Espírito é capaz de fazer o novo desabrochar ali onde tudo parece fenecer. O momento que a VCA está vivendo não é, certamente, o melhor de todos, mas também não é o pior de sua história. É o momento que nos cabe assumir e enfrentar, com fé viva, esperança dinâmica e amor transbordante. E o Papa Francisco prossegue, ajudando-nos a proceder com maior clareza e acerto, pingando em nossos olhos o colírio da fé:

A alegria do Evangelho é tal que nada e ninguém no-la poderá tirar (cf. Jo 16,22). Os males de nosso mundo – e os da Igreja – não deveriam servir como desculpa para reduzir a nossa entrega e o nosso ardor. Vejamo-los como desafios para crescer. Além disso, o olhar crente é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no meio da escuridão, sem esquecer que, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5,20). A nossa fé é desafiada a entrever o vinho em que a água pode ser transformada, e a descobrir o trigo que cresce no meio do joio (EG 84).

⁷ Para apreciar a originalidade da *Imitação de Cristo*, seu contexto e atualidade, nada melhor do que conhecer a recente publicação do Frater Henrique Cristiano José Matos, CMM: *Imitação de Cristo: caminho de crescimento espiritual*. Belo Horizonte: O Luta-dor, 2014.

⁸ Este realismo preenche de esperança permeia o Breve panorama da Vida Consagrada atual, apresentado pelo Irmão Afonso Murad (cf. *Permanece conosco! Subsídios para a XXIII AGE*. Estudo, reflexão e oração. Brasília: CRB, 2013. p. 53-64).

A esperança não é apenas a última que morre, mas, sobretudo, a primeira a abrir caminhos novos e, muitas vezes, imprevistos. Por isso, o autor sagrado não titubeia ao persuadir os cristãos da primeira hora, expostos também eles à ameaça da dispersão em meio às adversidades, ajudando-os a compreender que “a esperança, como âncora da vida, segura e firme” (Hb 6,19), apoia-se na fidelidade de Deus e aperfeiçoa a perseverança no bem começado: “Deus não é injusto para esquecer aquilo que estais fazendo e a caridade que demonstrastes em seu nome, servindo e continuando a servir os santos. Mas desejamos que cada um de vós mostre até o fim este mesmo empenho pela plena realização da esperança” (Hb 6,10-11). Ancorados na esperança, temos certeza de que o Senhor, em sua misteriosa sabedoria, contando com nossa cooperação convicta e laboriosa, haverá de inspirar-nos e conduzir-nos para colher os impulsos de crescimento, acrisolamento e transformação que as circunstâncias atuais podem propiciar, desde que não coloquemos obstáculos à ação de seu Espírito, que trabalha em nós, na Igreja e no mundo.

Os momentos mais criativos da história da VC não se processaram sem corajosas rupturas. Crise e criatividade podem caminhar lado a lado, de mãos dadas. De nossa parte, isso implica reconhecer na crise uma brecha pela qual o Senhor se aproxima de nós para despertar-nos e recriar-nos. “Desamparados, afundamos e perecemos, mas visitados por vós, Senhor, erguemo-nos e vivemos. Com efeito, somos instáveis, mas vós nos dais firmeza; somos tíbios, mas vós nos dais fervor” (*Imitação de Cristo*, 3,14,2). Do turbilhão da crise atual, desde que assumida com fé, poderá sair uma VCA, se não mais robusta, ao menos mais sensata e fecunda, capaz de levar descanso e esperança a uma humanidade traumatizada por tantos absurdos e contrastes. E os deslocamentos geográficos e culturais, que caracterizam o presente da VC, serão vistos como presságio de uma nova estação de radicalidade evangélica. Não podemos deixar que se apague a chama da confiança!

Quem começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra os seus talentos. Embora com a dolorosa consciência das próprias fraquezas, há que seguir em frente, sem se dar por vencido, e recordar o que disse o Senhor a São Paulo: “Basta-te a minha graça, porque a força se manifesta na fraqueza” (2Cor 12,9) (EG 85).

A questão é saber o que Deus tem a nos dizer neste momento preciso da história da VCA. Como tem se manifestado a força da Graça em meio à nossa fraqueza? Será que não conseguimos intuir, em meio ao cansaço e ao desalento, um apelo a voltar ao essencial, a revisar em profundidade a maneira como vivemos nossa vocação, a ter a coragem de nos despojar de estruturas e práticas fossilizadas, que engessam o dinamismo de nossa missão? Não percebemos que a diminuição quantitativa pode ser o caminho para um crescimento qualitativo em termos de vitalidade evangélica e carismática? Não escutamos uma provocação para sedimentar e irradiar com maior entusiasmo nossa paixão por Cristo, fazendo desta paixão o elemento unificador de nossa identidade na Igreja e no mundo de hoje? Quando transpassada pela fé, a crise não apenas desvela o que nos tornamos, mas incentiva-nos a partir em direção ao que devemos ser e fazer. Sem esperança, porém, a crise se torna sinônimo de desolação e fatalismo.

Analisando o *status quo* da VCA, podemos ser invadidos por uma sensação de fracasso e impotência, como se nenhuma de nossas tentativas estivesse germinando e nenhum rebento de revitalização pudesse despontar. Que isso não nos aconteça! O terreno é fértil e há muitas sementes espalhadas. Não sejamos “profetas de desgraças” (EG 84). Faz bem recordar que a VC não é um negócio, nem uma empresa, nem mesmo uma organização humanitária. O olhar da fé nos fará ver que se trata de algo muito mais profundo, significativo e relevante, que escapa a qualquer especulação. Se assim não fosse, esta forma de vida não nos teria cativado e atraído tão fortemente. O que conta, portanto, não são os êxitos e conquistas já alcançados, mas o amor convicto que

depositamos em nossa consagração, amor que se difunde em compromisso persistente de fidelidade e no sim da perseverança renovado dia após dia, afinal “somos o que amamos”, como nos faz ver Santo Agostinho,⁹ e só o amor nos pode reestruturar por dentro, infundindo jovialidade e dividindo horizontes de vitalidade e esperança. Com palavras lapidares, garante-nos o autor da *Imitação de Cristo*: “Tudo que procede do amor, por pobre e insignificante que pareça, produz abundantes frutos, porque a Deus não importa tanto a obra realizada, mas a intenção com que a realizamos” (1,15,1). Ao lado de realidades que murcham (mentalidades, estilos, costumes, instituições etc.), algo promissor poderá desabrochar, novas formas de entender e encarnar o que a VCA tem de mais genuíno e essencial: a paixão por Cristo e pela humanidade, de modo a saciar nossas sedes e curar nossas feridas, habilitando-nos para sair ao encontro dos sedentos e feridos que aguardam nossa presença samaritana, capaz de ver, aproximar-se, comover-se e agir, “usando de misericórdia” (Lc 15,37). Em face dos impasses da VC, importa cultivar aquele “sentido de mistério”, de que fala o Santo Padre, no final de sua Exortação: a certeza interior de que o Senhor age em toda e qualquer circunstância, inclusive quando tudo parece sem saída, fecundando nossos anseios e buscas:

A pessoa sabe, com certeza, que sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando; está segura de que não se perde nenhuma de suas obras feitas com amor, não se perde nenhuma de suas preocupações sinceras com os outros, não se perde nenhum ato de amor a Deus, não se perde nenhuma de suas generosas fadigas, não se perde nenhuma dolorosa paciência (EG 279).

Certa vez, perguntaram ao Irmão Roger, fundador da Comunidade de Taizé, o que poderia comunicar esperança aos jovens de nosso tempo. Sua resposta foi surpreendente: “Os pobres, os contemplativos e os que convivem fraternalmente”. Exatamente o que a VCA é chamada a ser, como atualização do *Evangelho*, *profecia* do Reino e sinal de

⁹ “Talis est quis que, qualis eius dilectio est” (1o. Ep. tr. 2, 14).

esperança. Temos aí, portanto, um caminho aberto para nós, se estivermos dispostos a recriar a esperança em nosso meio e a comunicá-la por onde quer que andemos: aprender com os *pobres* a viver o espírito das bem-aventuranças, aprender com os *contemplativos* a enxergar a presença de Deus na vida, aprender com os que *convivem fraternalmente* a tecer laços de comunhão. É a este objetivo que a esperança deve nos conduzir. É isso que a esperança tonifica e reacende entre nós. “Se trabalhamos e lutamos, é porque pomos nossa esperança no Deus vivo” (1Tm 4,10). Resta-nos, então, confiar no Espírito do Senhor, gastar nossas energias numa entrega criativa e generosa e deixar que sua aragem fecunda enxugue nossas lágrimas e faça frutificar nosso humilde e destemido empenho. “Não há maior liberdade do que a de deixar-se conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que ele nos ilumine, guie, dirija e impulse para onde ele quiser” (EG 279). Peçamos, portanto, ao Deus de nossa vocação que abra nossos olhos à sua “presença escondida”, a fim de que descubramos que é aqui, na pobreza e na fragilidade da VC, que ele nos espera e que podemos acolher o sopro renovador de seu Espírito, sem o qual nossa consagração se reduziria a mero perfeccionismo. E o façamos, inspirando-nos nas palavras nascidas da contemplação do *irmão universal* que foi Charles de Foucauld (1858-1916):¹⁰

Abre nossos olhos, Senhor, à tua presença escondida. Dá-nos teu olhar sobre tudo o que nos rodeia e aquela confiança a toda prova que concedes aos pequenos. É aqui, Senhor, na simplicidade e na pobreza de nossa própria humanidade, e mesmo no que em nós está ferido, que podemos te acolher e te dar o nosso pobre amor.

3. Ideais mobilizadores

A VC, assim como todo o cristianismo, sempre se definiu e pautou por ideais de indiscutível potencial mobilizador, capazes de harmonizar existência e projeto, realismo e utopia.¹¹ O maior deles, sem dúvida, é o que constituiu a opção

10 Cf. FOUCAULD, Charles de. *Lettres et carnets*. Paris: Du Seuil, 1996. p. 197.

11 Uma sólida abordagem sobre a relação entre ideal e realidade, aplicada à formação presbiteral, pode ser vista em: VIANA, Wellistony Carvalho. *Um longo e belo caminho...* Um itinerário formativo para seminaristas. Brasília: CNBB, 2013. p. 17-43.

fundamental de Jesus de Nazaré, centro dinamizador de sua experiência mística e de sua ação salvadora: o Reino de Deus, *já* presente na história, mas *ainda não* plenamente realizado, oferecido como dádiva e apelo a todos, em particular aos pequenos, pobres e pecadores. Foi pelo Reino, para realizar a vontade do Pai e instaurar seu projeto de reconciliação, justiça e paz, que a existência de Jesus se consumiu e consumou num ato supremo de amor e liberdade. O Reino foi o ideal que norteou sua vida e missão, e que ele legou a seus seguidores como dom, herança e tarefa (cf. Mc 1,15; Mt 4,23; Lc 17,21).

O ideal cristão não é outro senão realizar a vocação baptismal, “revestir-se do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,14), ou ainda, formulado de outro modo, atingir “a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de homem perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). Entre este *ideal* e a nossa *realidade* humana, estende-se o caminho do seguimento, com suas etapas de encontro, conversão, discipulado e missão (cf. DA 278),¹² atravessando toda a nossa existência, descortinando-nos o horizonte da plena comunhão com a Trindade, meta derradeira de nosso peregrinar. Neste caminho, somos sempre aprendizes e cada chegada representa uma nova partida. Santa Luísa de Marillac (1590-1660) traduziu esta experiência, referindo-se a Jesus Cristo como “exemplo a ser imitado, nem mais nem menos como o faria um aprendiz com seu mestre, se desejasse tornar-se perfeito” (SL A. 8).¹³ Na *sequela Christi*, não é possível parar: se não avançamos, recuamos. São Vicente de Paulo (1580-1660) soube dizê-lo de forma lapidar: “No caminho de Deus, não avançar é retroceder, já que o homem não pode permanecer sempre no mesmo estado e os que foram chamados devem prosseguir de virtude em virtude” (SV II, 129).¹⁴ Quem se deixa encontrar por Cristo e o encontra verdadeiramente, desperta para o amor do Pai e sente-se irresistivelmente atraído a uma sincera conversão, disposto a redimensionar toda a sua vida. Quem se coloca em permanente estado de conversão, pela humildade com que olha para si e pela confiança depositada na fidelidade

12 CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

13 *Sainte Louise de Marillac: écrits spirituels*. Paris, 1983.

14 *Saint Vincent de Paul: correspondance, entretiens, documents*. Paris: Lecofre/Gabalda, 1920-1925. 14 tomos [neste artigo, citamos o número do tomo em algarismos romanos, seguido do número da página correspondente à citação].

daquele que o chamou, torna-se discípulo, identifica-se paulatinamente com o Mestre, descobre-o como espelho de sua vida e inspiração permanente de seu agir. Quem entra no discipulado, sai para a missão de testemunhar a força transformadora do Evangelho que se tornou sua regra e seu farol, ideal que ilumina sua consciência, purifica seus desejos e inflama sua vontade.

Para além das fronteiras do cristianismo, conhecemos ideais que se tornaram emblemáticos. O Fórum Social Mundial, em suas últimas edições, vem convocando as pessoas de boa vontade a lutar “por um outro mundo possível”, fruto de uma nova ordem, fundada na justiça e na solidariedade. A mitologia guarani fala da “Terra sem males”, como utopia que revigora e enlaça os povos indígenas numa luta sempre nova pelo “bem viver”. Todo ideal possui essa força de atração capaz de colocar a realidade em movimento, da mesma forma que o horizonte sempre convida a caminhar em sua direção. E, quanto mais nos avizinhamos do horizonte, mais parece que ele se distancia, embora o simples fato de contemplá-lo já seja suficiente para encher-nos de ânimo e fazer-nos prosseguir.

Apesar de estarem além das aquisições imediatas, os ideais não se confundem com projeções abstratas ou idealizações angélicas (risco do *idealismo desencarnado*). Se assim fosse, poderiam redundar em nefastas frustrações. Pelo contrário, os ideais mais elevados partem da realidade e a esclarecem, porque costumam corresponder aos desejos mais profundos, aos anseios mais legítimos e radicais de toda pessoa. Da janela de sua existência finita, de suas carências e contingências, o ser humano se volta para o infinito, abrindo-se a possibilidades ainda não alcançadas. É assim que os ideais se apresentam: tais como estrelas refulgentes a encantar as noites e a orientar as travessias, cintilando permanentemente nos horizontes individuais e coletivos. Erguem-se como valores inegociáveis, que comprometem e empenham nossa liberdade, reunindo forças, suscitando atitudes e sustentando esforços altamente humanizadores, como testemunham nossos fundadores(as) e tantas figuras modelares que nos

precederam nas sendas da *sequela Christi*. Por isso, será sempre “salutar recordar-se dos primeiros cristãos e de tantos irmãos que, ao longo da história, se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa” (EG 263). De fato, não foram estratégias que congregaram os fundadores, mas ideais audaciosos e o desejo de torná-los realidade para a glória de Deus e o bem dos irmãos. Neste sentido, escreveu, certa vez, a grande Teresa de Jesus (1515-1582): “Viste o grande empreendimento a que desejamos nos dedicar [...]. Está claro que precisamos trabalhar muito. E muito ajuda ter pensamentos elevados, para que as obras também o sejam”. Os ideais geram motivações, rompem o medo de ir além e se consolidam em um projeto unitário de vida, desdobrando-se em convicções, decisões e ações. Correspondem ao que temos de mais nobre e exigente, facilitando-nos o acesso às reservas de bondade, resistência e criatividade que trazemos em nosso interior.

Em se tratando da VCA, que ideais são estes? No encaixo do ideal comum da vida cristã, as ênfases variam de acordo com as diferentes tradições espirituais e estão consignadas nas respectivas Regras ou Constituições. As formulações mais recorrentes são: santidade de vida, perfeição na caridade, radicalidade evangélica, imitação de Cristo, amor indiviso, realização da vontade de Deus, dom total de si, perseverança na fidelidade, zelo apostólico, fraternidade universal etc. Ainda que traduzidos em outros termos, culturalmente mais ou menos inteligíveis, estes ideais não podem ser riscados de nosso firmamento ou negligenciados em nossas buscas e lutas cotidianas, tanto pelo que significam quanto pela virtude que irradiam. Sem referência a estes ideais, a pessoa consagrada se empobrece interiormente, podendo chegar a ponto de não mais advertir sua própria pobreza.

O Papa Francisco sinalizou a força motriz do ideal inaciano (“*ad maiorem Dei gloriam*”) que inspira sua vida de companheiro de Jesus e *contemplativus in actione*:

Unidos a Jesus, procuramos o que ele procura, amamos o que ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos “para que seja prestado louvor à glória de sua graça” (Ef 1,6). Se queremos entregar-nos a sério e com perseverança, esta motivação deve superar toda e qualquer outra. O que nos move em definitivo, o mais profundo, o maior, a razão e o sentido último de todo o resto é este: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência [...]. Independentemente de que nos convenha, interesse, aproveite ou não, para além dos estreitos limites de nossos desejos, de nossa compreensão e de nossas motivações, evangelizamos para a maior glória do Pai que nos ama (EG 267).

Se o horizonte da vida se reduz ao tamanho dos limites pessoais, comunitários e institucionais, acomodando-nos ao já obtido, paralisando-nos nos impasses ou encastelando-nos em conveniências e interesses, sem que alcemos voos mais audaciosos (ainda que mais arriscados) e nos disponhamos a entregas mais ardorosas, atrofia-se o dinamismo da VCA. A contemplação desses ideais empenhativos e a gradual apropriação dos mesmos robustecem a correspondência ao chamado do Senhor e infundem paz e segurança em meio aos sobressaltos, permitindo-nos amar e servir a Deus e aos irmãos mesmo quando provados e incompreendidos. Sem ideais, porém, torna-se difícil suportar as inevitáveis solidões e fracassos da vida. Como garante a sabedoria oriental, viver com sentido não significa esperar a tempestade passar, mas aprender a dançar na chuva. Permanece o desafio: encarnar e expressar os ideais que nos encorajam de maneira significativa e relevante para os nossos dias. E fazê-lo com convicção, imaginação e paixão. Afinal, “uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém” (EG 266). E nem sempre formulações e comportamentos de ontem conseguem responder às perguntas, necessidades e aspirações de hoje.

Quando perdemos de vista os ideais geradores de esperança, corremos o risco de ser tragados pelo imperativo do imediatismo, formulado pelo poeta romano Horácio (*Odes*

I, 11,8) e introjetado pela cultura pós-moderna: “*Carpe diem, quam minimum credula postero*”. Em tempos de instabilidade – quando os horizontes se encurtam, a consciência se afrouxa e os compromissos se evaporam –, para vencer o tédio a ordem é sorver o momento presente até a última gota e depositar o mínimo de confiança no amanhã. Com a progressiva perda da consciência histórica, esfuma-se o passado, o futuro se escurece, ficando apenas o presente, sem memória e profecia, sem referenciais que avigorem e metas que comprometam. Perpassada por esta ideologia, a pessoa (também a consagrada!) se enclausura no efêmero das circunstâncias, de obtenções parciais, instintos primários e peripécias momentâneas, resignando-se a uma infrutífera ociosidade ou cerzindo sua vida de ativismos destituídos de princípios, critérios e finalidades. Implanta-se, então, o relativismo ético, cuja complexidade transparece na banalidade de jargões nada estranhos aos nossos ouvidos: “fazer por fazer”, “tanto faz como tanto fez”, “ninguém é de ninguém”, “deixa a vida me levar” etc.

Sem utopias que nos responsabilizem e sonhos que nos arrojem, no lugar de ministros do Evangelho, artífices da fraternidade e peregrinos do Absoluto, veríamos fervilhar estrategistas compulsivos, navegantes sem porto e andari-lhos sem meta. No quadro da VCA, a perda dos ideais que definem os rumos e traçam os percursos de suas travessias redundaria na erosão de sua própria identidade de servidora do *Evangelho*, *profecia* do Reino e sinal de *esperança* neste mundo em ebulição. E o maior de todos os ideais será sempre a consumação da esperança escatológica: a vida eterna, vida plenificada pela comunhão com a Trindade Santa, da qual os consagrados(as) são prelúdio e antecipação.¹⁵ A VC sempre se caracterizou por esta permanente tensão escatológica, ou seja, sua existência na Igreja e seu enraizamento na história – visibilizados na contemplação, na comunhão e na missão – se estendem para o que esperamos e seus ideais constitutivos apontam e antecipam a plenitude a que somos destinados: “Nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até

15 Tal foi o brado que ecoou do íntimo de Tomás de Kempis (+1471): “Oh, quando virá aquela bendita e desejada hora em que me saciarei com vossa presença e sereis para mim tudo em todas as coisas? Enquanto isso não me for concedido, não terei alegria perfeita” (*Imitação de Cristo* 3,34,3).

o excesso. Não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (2Cor 4,17-18). Não fosse, pois, esta promessa de eternidade, facultada pela ressurreição de Jesus e cujos lampejos podemos contemplar na brevidade do tempo – instando-nos a ir sempre além do que nos é dado aqui e agora –, tudo mais se reduziria à fugacidade do que já nos tornamos e possuímos, e o derradeiro destino da existência nada mais seria do que um indecifrável absurdo (cf. 1Cor 15,32).

Nesta hora em que nos toca viver, pessoas consagradas compenetradas de ideais serão pessoas reconciliadas e capazes de reconciliar, inquietas e dispostas a inquietar, transformadas e aptas a transformar, porque sempre cativadas por Cristo, dinamizadas pelo Espírito, incansáveis na busca da glória do Pai. A qualidade de uma consagração se mede pelos ideais que a iluminam e pelos esforços que a tornam possível, suscitando a adesão da inteligência e do coração, no recôndito da contemplação, na fraternidade do cotidiano e na aventura da entrega missionária. E, neste caminho, a formação desempenha papel insubstituível, proporcionando tempos e espaços favoráveis à assimilação de valores, projeção de metas, definição de princípios, formulação de propósitos e construção de um projeto unitário de VCA. Desse modo, paulatinamente, a pessoa do consagrado(a) vai se tornando uma transparência dos ideais que a orientam, daquilo que ela é chamada a ser. Com efeito, quem se convence do objetivo fundamental de sua vida, não mede esforços para atingi-lo, não teme a escuridão da noite, porque consegue divisar as estrelas e aguardar a aurora que virá.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

A partir de suas vivências e percepções, considerando a realidade de sua vida pessoal, de sua comunidade local, de sua Província e de sua Congregação, faça um levantamento:

1. Dos principais desafios que a sociedade contemporânea apresenta à VCA.
2. Das consequências destes impactos no interior da VCA.
3. Das interpelações que o Papa Francisco dirige à VCA.
4. Das razões de nossa esperança ante a situação atual da VCA.
5. Dos ideais mobilizadores que precisam ser retomados com maior insistência.

Perfectae Caritatis

Há 50 anos orientando a Vida Religiosa Consagrada

PROF. ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA*

Uma proposta de releitura para o Ano da Vida Consagrada

Nas comemorações do Ano da Vida Consagrada (2014–2016), convém-nos recordar o documento conciliar: Decreto *Perfectae Caritatis* (1965); sobre a atualização e renovação dos Religiosos. Este que providencialmente comemora seu quinquagésimo aniversário de publicação. Quando aprovado pelo Papa Beato Paulo VI (1897–1978), em concílio, desejava a Igreja vislumbrar novos horizontes aos homens e mulheres Consagrados. Este Decreto se une a tantos outros documentos do Magistério da Igreja que orientam a Vida Religiosa Consagrada. Muitos Pontífices se ocuparam deste assunto em seus escritos, pois os Religiosos foram sempre a “mão” atuante dos Papas. “O Sacro Sínodo tem em alto apreço seu gênero de vida – virginal, pobre e obediente – de que o próprio Cristo Senhor se fez exemplo” (DPC¹ 1283). E em reconhecimento a isso o Papa Francisco convocou esse ano jubilar da Vida Religiosa Consagrada (2014–2016). Para que o mundo saiba “como é bom os irmãos viverem juntos”. A existência da Vida Religiosa Consagrada se faz presente na Igreja desde os seus primórdios. Sendo composta de pessoas que buscam na vivência dos conselhos evangélicos “seguir a Cristo com maior liberdade, e imitá-lo mais de perto” (DPC 1217). A Vida Religiosa está sempre em dinamicidade, comporta múltiplas atuações apostólicas e manifestações de carismas e espiritualidades.

*Prof. André Luiz Oliveira, natural de Passos – MG, é seminarista, candidato à Vida Religiosa Consagrada na Congregação do Santíssimo Redentor. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Paulista, filósofo, escritor e membro da Academia Marial de Aparecida. Autor da obra: *Contemplando a Ladainha de Nossa Senhora* (2010) e de inúmeros artigos sobre temas da atualidade em diversos jornais e revistas de circulação nacional. **Contato:** livro_prof_andre@hotmail.com.

1 DPC – Decreto *Perfectae Caritatis*, 1965.

No número 1219 assim descreve o DPC: “A atualização da Vida Religiosa compreende ao mesmo tempo contínuo retorno às fontes de toda vida cristã e a inspiração primitiva e original dos institutos, e adaptação dos mesmos às novas condições dos tempos”. Propõe o Concílio Vaticano II que retornemos às fontes, ou ainda, às origens. A Vida Religiosa Consagrada surgiu com homens que buscavam a vida eremítica, refugiando-se em cavernas e desertos, em busca de uma profunda ascese espiritual. Buscando na penitência e no silêncio uma contemplação das Verdades Eternas. Com o crescente número de pessoas que buscavam tal modo de vida, surgiram grupos, os anacoretas, que mais tarde passaram a viver em mosteiros. Os padres do deserto são fragmentos do organismo que hoje reconhecemos como Vida Religiosa. Somente séculos depois a Vida Religiosa Consagrada se constituiu como a conhecemos hoje. Não pede o Concílio que voltemos ao deserto de fato, mas, sim, que retornemos àquela experiência ali proposta. A busca constante da ascese espiritual, um aprofundamento das verdades reveladas e um reavivamento do carisma proposto pelos fundadores dos institutos. “Os homens e mulheres consagrados são enviados, sobretudo, aos desertos e fronteiras da evangelização, como profetas e servidores do Reino de Deus” (PEDRINI, 2013).

A atualização da Vida Religiosa Consagrada

O processo de atualização dá-se pelo “seguimento de Cristo proposto no Evangelho, norma última da Vida Religiosa” (DPC 1220 a). Sugere ainda o documento uma formação adequada, um aprofundamento intelectual de nosso tempo: “Os institutos promovam em seus membros formação adequada a respeito das condições dos homens e da época” (DPC 1223 d). Propõe-nos o Concílio que sejamos transigentes em nosso apostolado, compreendendo as realidades de missão e respeitando a diversidade cultural. Tal atualização e renovação para serem alcançadas com êxito devem contar com a contribuição de todos que compõem

o corpo do instituto. Tal reestruturação almeja que correspondamos com um apostolado que seja capaz, ou busque meios possíveis, de atingir o coração do homem pós-moderno, levando a este o conhecimento das Verdades Eternas e um crescimento místico, e promovendo a estreita relação dele com seu Criador. Porém, para realização de tal ensino devem ser os Religiosos os primeiros a fazer uma experiência pessoal e comunitária com Deus, “procurando antes de tudo e tão somente a Deus” (DPC 1236).

Espiritualidade: uma resposta de amor

Um dos sustentáculos da Vida Religiosa Consagrada é a vida espiritual! “Cultivem, pois, os membros dos institutos, com zelo constante, o espírito de oração e a mesma oração, haurindo das puras fontes da espiritualidade cristã” (DPC 1238). Vale tal proposição aos institutos contemplativos e aqueles de vida apostólica. Aos contemplativos há de se ter um dinamismo pastoral e os de vida apostólica um dinamismo espiritual, assim vivenciando e atualizando a máxima de São Bento abade: “*Ora et labora*”; unindo a vida espiritual à vida ativa, em constante dinamismo, promovendo ambas as dimensões que, vinculadas, promovem a real vivência vocacional. “A vida consagrada não se caracteriza essencialmente pelas tarefas e serviços, mas por uma adesão alegre e radical no seguimento de Jesus, a partir do Batismo” (PEDRINI, 2013). A vida espiritual deve estar estreitamente ligada à espiritualidade do instituto, ao carisma proposto pelo fundador e intimamente a vida oracional eclesial, através de formas legítimas propostas e aprovadas pela Igreja. Somente pela vivência autêntica da fé seremos capazes de desenvolver qualquer apostolado. Pois ação sem espiritualidade é assistencialismo! E assistencialismo não é a proposta da Doutrina Social da Igreja; é antes o anelo desta, a promoção da dignidade do homem e ao mesmo tempo a ascensão espiritual do mesmo. Os Consagrados têm a missão de dignificar o homem duplamente, diante da sociedade e na presença de Deus.

A luz da Vida Religiosa Consagrada

O Concílio julgou conveniente a este Decreto dedicar 13 parágrafos (1250-1262) aos conselhos evangélicos: castidade, pobreza e obediência. Discorrendo sobre estes que são os pilares vocacionais da Vida Religiosa Consagrada, desejou o Concílio, com tal explanação, que todos pudessem aprofundar-se pessoal e comunitariamente nesse compromisso assumido e professado. Os Religiosos Consagrados só poderão viver bem sua vocação, de modo pleno, quando forem capazes de pôr em prática essas três dimensões. “E cumprirei todos os votos que vos fiz. As promessas que meus lábios vos fizeram” (Salmo 66). Quando vivenciarem uma castidade sincera, uma pobreza desprendida e uma obediência fiel. Quando essas três dimensões forem tomadas com sinceridade e levadas como compromisso assumido, trilharremos o caminho da santificação; e esta é a finalidade para a qual nos chamou Deus a tal vocação. Pois como poderá falar ao povo de Deus que vivam uma vida casta, se na realidade tem-se uma vida dupla? Como falar de pobreza, possuindo finanças secretas – quando até não declaradas? E como poderá o desobediente ensinar aos outros a virtude da obediência? Recordemos a passagem de Mateus 7,5: “Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás para tirar a aresta do olho do teu irmão”. É necessário fazer, antes de anunciar, a experiência concreta e assumir o juramento proferido. O Cristo deseja uma adesão autêntica. “Não sejas como os hipócritas” (Mt 6,5).

Castidade: uma dimensão de entrega total

O parágrafo sobre a castidade inicia-se com os seguintes dizeres: “É pois necessário que os Religiosos, procurando ser fiéis à sua profissão, ponham sua fé nas palavras do Senhor” (DPC 1251). Isso para que confiemos que a força para se viver uma castidade sadia e uma sexualidade equilibrada não vem de nosso esforço pessoal somente, e sim das forças espirituais que nos são impetradas pela graça santificante, que só pode vir de Deus. Se confiarmos altivamente em nós

e abandonarmos a Deus, nessa jornada, não alcançaremos êxito. A sexualidade equilibrada e a castidade sadia nascem do amor de Deus. “Deus coopera em tudo para o bem das pessoas que o amam e às quais ele chamou conforme o seu plano de amor” (Rm 8,28). É o Ágape que sustenta nossos vacilos, fragilidades e quedas. Quando compreendemos a importância de nossa missão e a grandeza de nosso apostolado, quando mantemos uma relação de amizade autêntica e temos consciência de quem realmente somos, tornamo-nos capazes de criar mecanismos para vivenciar sadiamente esta dimensão. Em tempos de abrandamento doutrinário e da infiltração de correntes que propõem uma sexualidade *light*, no passado, já nos advertia o Concílio: “Desta sorte não se deixarão levar por falsas doutrinas que afirmam ser impossível a continência perfeita ou nociva ao desenvolvimento humano” (DPC 1251). Pois todos os que entram neste “barco” sabem para onde ele vai. A barca (Igreja) não força ninguém a nada, quem está a bordo sabe as implicações. Não possuindo o domínio de si, não suportando a continência perfeita, busquem outros modos de vida, procurem realizar-se em outra vocação. Pois “não se decidam a fazer a profissão de castidade, nem a ela sejam admitidos os candidatos, senão após uma provação realmente suficiente e com a devida maturidade psicológica e afetiva” (DPC 1252). Crê a Igreja ser a castidade uma dimensão de entrega total, de tomar a cruz e seguir o Cristo: casto, pobre e obediente. Uma castidade consciente leva o Consagrado à experiência do pleno amor de Deus.

Pobreza: uma opção preferencial por Cristo

O Decreto *Perfectae Caritatis* convida a optarmos por Cristo! “... que de rico se fez pobre por nós, a fim de nos enriquecer por sua pobreza” (DPC 1253). Quer a Igreja, com a proposição de um voto de pobreza, que seus religiosos não sejam pessoas apegadas ou financeiras. A avareza é um Pecado Capital: “Se alguém possui os bens deste mundo e, vendo o seu irmão em necessidade, fecha-lhe o coração,

como pode o amor de Deus permanecer nele?” (1Jo 3,17). Que possuam, sim, o necessário para uma vida cômoda e segura. Porém, de modo desapegado, sem se sentir superior ou possuidor de algo em detrimento de alguém. Pede o Concílio que os Religiosos Consagrados não possuam bens pessoais, pois se engana todo aquele que pensa estar sendo astuto ao manter contas secretas. Deus, que tudo sabe e tudo vê, conhece nossa malícia. Assevera o Decreto: “... evitem, no entanto, toda manifestação de luxo, de lucro imoderado e de acúmulo de bens” (DPC 1258). O dito popular: “O frade é pobre, mas a ordem é rica”, expressa uma realidade. Realmente nossas ordens, congregações, institutos etc. são providos de certa condição financeira, mas isso não impede de experimentarmos o desapego. O fato de o “frade” ser pobre está em sua opção preferencial por Cristo. Aquele que optou por Cristo o desposou pobre. “O supérfluo e o desperdício são escandalosos seja na sociedade, seja no âmbito da Vida Consagrada” (GOMES, 2015). A riqueza não é má, ou ser rico não faz de alguém pior, pois existem pobres soberbos e altivos! Às vezes farrapos revestem um coração petrificado. Cristo em sua forma humana pertencia à linhagem de Davi, sendo Deus pertencia à realeza de Deus. Mas isso não o impediu de esvaziar-se e doar-se com extremos de carinho. A condição de riqueza permite a tanta gente promover a caridade, a ajudar o próximo! O fato não está na riqueza ou na pobreza, e sim da forma como é gasto o dinheiro, o modo como o coração reage quando estendo a mão direita. Uma só é a pobreza que agrada a Deus: *Perfectae Caritatis!*

Obediência: *kenosis* pessoal

Diz o provérbio chinês: “A obediência vale mais do que o sacrifício”. Assim, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que veio ao mundo cumprir a vontade do Pai, também os Religiosos e as Religiosas são chamados à resignação – palavra em desuso e pouco aplicável na pós-modernidade. A obediência é um esvaziar-se da autossuficiência, é

reconhecer que os outros também são capazes de escolher algo que seja bom para nossas vidas. A obediência não deve ser vassalar, aos modos da Idade Média, e sim uma tomada de consciência de que pessoas que desempenham a função de presidir (coordenar ou animar) executa aquilo que julga ser o melhor em benefício do comum. O Superior ou a Priora deve exercer o ministério do bem da comunidade, não desempenhando seu cargo como jogo de poder, de interesse ou de favorecimento. Pois assim descreve o *Perfectae Caritatis*: “Os superiores, por sua vez, devendo prestar contas pelas almas a eles confiadas (cf. Hb 13,17), se revelem dóceis à vontade de Deus no exercício do cargo” (DPC 1261). Que cada membro exerça o que lhe foi confiado – por mais simples que seja a tarefa ou por mais burocrática que seja a função, façam-na benfeita – que se dirija ao Superior e a todos os membros do Instituto com o devido respeito, e que este, por sua vez, acolha de boa vontade os confrades. O membro do Instituto tenha claro que obediência não é escravidão nem um termo que só consta nos papéis; é antes um desapego das vontades pessoais, é colocar-se na postura de Cristo experimentando a *Kenosis*: “Que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz” (Fl 2,6-8). O voto de obediência leva-nos a refletir e a indagar-nos: Até onde vai minha obediência? Sou capaz de esvaziar-me? Poder: serviço ou autoritarismo?

Vida comunitária, formação e demais implicações

A vida comum é o que distingue a Vida Religiosa; se assim não o fosse, seríamos todos seculares. “A vida a ser levada em comum, a exemplo da Igreja primitiva em que a multidão era um só coração e uma só alma” (DPC 1263). Sobre esta temática o Decreto dedica os parágrafos: 1263-1265. A

vida fraterna é algo que nos diferencia, e esta deve ser vivida com entusiasmo, percebendo que o outro é Cristo que se fez meu confrade. A pluralidade e a diversidade às vezes são fatores que impedem uma autêntica vida comum, mas é preciso superar toda divergência e aprender com aquilo que difere do meu modo de ser. O parágrafo 1268 diz a respeito do uso do hábito religioso como sinal de consagração. E propõe que este seja “simples e modesto, pobre e ao mesmo tempo desceite”. Não aboliu o uso do mesmo, mas pediu que este se adequasse “às circunstâncias de tempos e lugares”. Sobre a formação dos Religiosos, prevê o Decreto (1269-1272) que todos os membros sejam capacitados à medida de suas capacidades intelectuais e da índole pessoal de cada um, permitindo a todos a formação para uma atuação pastoral de qualidade. E assim “procurem os membros aperfeiçoar com esmero essa cultura espiritual, doutrinária e técnica”. São necessários Religiosos e Religiosas que atendam à demanda da sociedade pós-moderna, que sejam capazes de realizar um discurso atualizado, porém, sem perder a essência da simplicidade dos Consagrados. Pede ainda o *Perfectae Caritatis* que fomentem o surgimento de vocações à Vida Religiosa Consagrada e que tal incentivo aconteça nas pregações e pelo estímulo das famílias. Assevera: “Lembrem-se porém os religiosos de que o exemplo da própria vida é a melhor recomendação de seu instituto e o mais eficaz convite para alguém abraçar a Vida Religiosa” (DPC 1282).

Perfectae Caritatis: atualizado e vivenciado

Conclui o Decreto *Perfectae Caritatis* convocando a todos os membros da Vida Religiosa Consagrada a assumirem um testemunho vocacional público, a fim de mobilizar os corações universais. Tal resposta fora conclamada para aquele momento, e ainda se faz necessária hoje. Somos convidados neste Ano da Vida Religiosa Consagrada a levar as alegrias celestes a todos os homens, que sedentos buscam a Deus. Pois a Vida Religiosa Consagrada é: carisma, profecia e serviço. Que nossas atitudes, gestos e palavras levem a todos

a excluir como Tertuliano: “*Vide, inquiunt, ut invicem se diligent*” – Vede como eles se amam (PEDRINI, 2013). O Decreto é ainda uma possível resposta à Vida Religiosa nas suas diversas dimensões e, apesar de se terem passado 50 anos, é atual e ainda tem muito a dizer à pós-modernidade; este, quando lido e estudado em comunidade, pode surtir inúmeros efeitos. Com a proclamação de um Ano jubilar dedicado à Vida Religiosa Consagrada, deseja o Santo Padre propor à Igreja um aprofundamento deste estilo de vida e conchamar aos Religiosos a darem seu testemunho de fé autêntica, por palavras e obras. Para aprofundar e vivenciar bem esse jubileu, que todos os Consagrados tenham nas mãos o Decreto Conciliar *Perfectae Caritatis*. Boa leitura!

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais meios podemos criar para nos aprofundar na leitura, discussão e reflexão do Decreto *Perfectae Caritatis*?
2. Como eu ou minha comunidade pode atualizar o Decreto *Perfectae Caritatis*, na vivência de nosso carisma e na vocação à Vida Religiosa Consagrada?
3. De modo pessoal e comunitário, como tenho vivenciado os Conselhos Evangélicos: pobreza, castidade e obediência? Como melhorar nossa realidade?

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, João Carlos; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Perfectae Caritatis*, sobre a renovação da Vida Religiosa. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GOMES, Pe. Rogério. *Carta Circular 03*, 2015.
- MATTEI, Roberto de. *O Concílio Vaticano II: uma história nunca escrita*. São Paulo: Ambientes & Costumes Editora Ltda., 2013.
- SAGRADA, Bíblia. Tradução Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1956.

Trinta anos da morte de Irmã Cleusa, missionária agostiniana recoleta

“Sua entrega, um jeito contundente de testemunhar a fé cristã-católica!”

PE. JOSÉ RICARDO ZONTA*

Muitos tentaram mostrar como nós devemos dar razões da esperança que habita o nosso ser: pela fé. Ao longo da história, o jeito mais consagrado foi um “dar razões” de forma conceitual, intelectual, traduzindo a fé por meio de verdades bem estruturadas

virtude, para que haja alegria nas perseguições e motivação para estarmos dispostos a sofrer pelo Evangelho e pelos irmãos. Enfim, é um dar razões com “mansidão e respeito”, com coragem e esperança, com vigilância e sobriedade, dispostos a sofrer pelo bem.

Sendo assim, o nosso intuito é mostrar que a fé tem maior vínculo com o amor do que com o saber e, dessa forma, revelar que a morte de Irmã Cleusa não foi outra coisa senão a máxima expressão de uma fé que ama, que ama porque não existe fé sem amor. E todo amor verdadeiro, mesmo que não professado para nós, nunca deixará de conter uma centelha da fé. (É isto que aprendemos com a concepção agostiniana da *Ecclesia ad Abel*, ou seja, o Mistério de Cristo e da Igreja iluminam tudo o que veio antes e tudo o que veio depois da plenitude da Revelação.)

E se a fé sabe alguma coisa, esse saber nasce de uma relação com o amor. É isto que aprendemos com a fé (saber) o fim para que tivéssemos mais vida. Todo o saber que a fé promove é em vista do amor. “Estejam sempre preparados para responder a qualquer um que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês, com mansidão e respeito, dispostos a sofrer pelo bem, amando sem cessar” (1Pd 3,15-16a). Se analisarmos biblicamente, veremos que a nossa fé é estritamente uma adesão ao amor, ao Deus que se revela como Amor.

Neste horizonte, a *Aliança entre Deus e o seu Povo* é obra de misericórdia, de um amor permanente. A Aliança firmada entre Deus e o seu Povo é o primeiro aceno de que só no amor a nossa fé tem sentido.

Uma Aliança realizada não entre pares (iguais)¹ é a prova de que a Misericórdia é o verdadeiro e mais contundente “espírito” da Lei. Mesmo sabendo da fraqueza do seu povo, Deus tornou-se o fiador de uma Aliança eterna, e isto não pode ser outra coisa que obra de misericórdia.

Por isso, a *Lei* também só pode ser compreendida no horizonte do amor. Sem espírito a Lei mata, escraviza e não nos faz perceber que Deus “quer misericórdia e não sacrifícios”

(Os 6,6). E toda vivência da Lei só atinge o seu objetivo se for realizada no horizonte da fé. Não é a Lei que dá sentido à Misericórdia, mas é a Misericórdia que justifica a existência da Lei.

A Aliança firmada no Sinai com o Povo de Deus, que implicou um sacrifício celebrado e um Decálogo recebido;² a Aliança levada à sua plenitude com a Paixão e Ressurreição de Jesus, que implicou um sacrifício celebrado e participado misticamente através do Sacramento da Eucaristia e do mandamento novo do amor – por parte da Igreja, (Jo 13,15), são provas contundentes de que a Misericórdia é o selo que garante tais eventos salvíficos e libertadores.

Misericórdia é uma palavra que fala por si só: na língua latina *miserere cordis* significa ter piedade de coração, compadecer-se de coração. Acostumamo-nos a traduzir a palavra hebraica *hésèd* – misericórdia, simplesmente por amor. Mas originalmente ela significa um amor inabalável, capaz de durar para sempre, independentemente das circunstâncias.

Deus se debruça sobre nós como uma mãe a cuidar e a amparar seus filhos, porque nos criou como objetos do seu amor, convidando-nos a uma intimidade com ele que produza entre nós a comunhão de amor eterno que existe nele.

Quem adere ao Amor – que é Deus –, procura incorporar toda essa dimensão bíblica da Aliança em sua vida. Assim como Deus se debruça e se desdobra de amor pela humanidade, também o cristão quer ser um outro Cristo para o mundo. A medida do seu amor é sempre maior que a dos outros que não se encontraram verdadeiramente com Jesus.

Quem encontrou a si, no Mistério de Cristo (GS 22), cuida dos outros, aniquila-se por amor, renuncia a si mesmo, para que Cristo seja tudo nele. Esta é a verdadeira fé que o Evangelho apresenta. Quem diz “eu creio”, toca as feridas de Jesus, quer tocar suas feridas (Jo 20,28), porque só quem morre com ele ressuscita com ele (Rm 6,8). Foi isto que Cleusa fez. Do jeito mais natural e profeticamente inspirado. Quem tem uma fé que ama, uma fé autenticamente

2 1ª Israel prepara-se para estar com Deus e recebe a lei (Ex 19, 1-25); 2ª Deus concede as leis principais – o Decálogo (Ex 20, 1-21); 3ª Deus dá leis específicas (Ex 20, 22-23,33); 4ª Israel sela a Aliança com Deus aceitando suas leis (Ex 24,1-18).

cristã, sabe que, quando criança, vai onde quer; mas, quando adulto, vai onde Deus pede (Jo 21,18).

O dom do chamado e da escolha de Deus sobre nós também é pura obra de amor. Assim sendo, imaginar-se um privilegiado, alguém mais amado que os demais, é puro contrasenso. O chamado e a missão só fazem sentido no horizonte da Graça que é só amor.

Pastro traduz a palavra mistério como sendo derivada do grego *myo myxa* – “fechado para o raio de luz”.³ Ou seja, quando não se podia ver, quando os olhos estavam fechados e não queriam receber a luz, a Graça despertou os sentidos para que se abrissem e fossem iluminados por Deus. É nesse sentido que, ao fazermos uma experiência de Deus, não devemos pensar que fomos nós que subimos até ele, mas foi o Senhor das Misericórdias que desceu até nós. A experiência do *di-vinus* é a experiência do embriagar-se de vinho, do ser possuído inteiramente por Deus, “vinho doce” (At 2), “comida e bebida ofertada de graça” (Is 55,1).

Irmã Cleusa se sabia escolhida para professar a fé que é expressão do amor gratuito de Deus. Por isso, ela fez festa na vida de quem nada podia retribuir: os índios do Brasil e os povos ribeirinhos do Amazonas, tão discriminados, explorados e feridos na dignidade humana. Seu amor gratuito, como um ato de fé, vestiu-se de simplicidade e bondade, para que resplandecesse a glória do Crucificado que ela nunca deixou de carregar em seu peito.

Amado gratuitamente, professou a sua fé como mulher feliz e preocupada com a justiça e a paz. Sofrendo gratuitamente pelo Evangelho, “foi morta de forma brutal (tiros de espingarda – chumbos no tórax – golpes na cabeça – crânio fraturado – mão separada do braço por objeto cortante)”... teve a mão decepada. Mão que a tantos afagou e ensinou. Perseverando gratuitamente, viveu a profundidade do Mistério Santo, que nos leva ao esquecimento de nós mesmos, esperando a recompensa só de Deus. Morrendo gratuitamente pelos irmãos, desabrochou no esplendor da Ressurreição, “pois não existe amor maior que dar a vida pelo irmão” (Jo 15,13). Humilhando-se até a morte, padeceu para

3 PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 55.

ter os sentimentos de Cristo. Com a mente iluminada pelo Senhor da Luz, teve a sabedoria dos Santos, não se deixando contaminar pela maldade do mundo.

A Igreja que surge ao longo da vida de Jesus⁴ poderia especificar o seu nascimento ao pé da cruz e a sua maturidade em Pentecostes (que segundo João não acontece após 50 dias, mas também com o mistério da Morte do Senhor: no momento em que Jesus entrega o seu Espírito ao Pai, ele o derrama sobre a Igreja que estava ao pé da cruz representada por Maria e João).

Nascida no calvário, a Igreja acolhe a cruz como o seu “útero” e o Crucificado como o seu genitor. Parturida pela entrega total do Salvador, ela nasce ligada “umbilicalmente” ao Mistério da Misericórdia. Tendo o cordão cortado pela Morte do Senhor, ela receberá um novo elo que a unirá uma vez por todas ao Mistério de Cristo, o Espírito Santo que voltou ao Pai e foi derramado sobre a Igreja, vínculo de perfeição e amor. Segundo João, o nascimento e a maturidade da Igreja se dão junto à cruz, pura obra de misericórdia.

Com tal vínculo, pelo nascimento e maturidade do Espírito, a identidade da Igreja não pode ser manifestada nem reconhecida pelos outros senão através do amor: “nisso reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35).

Unida ao Mistério da Paixão-Ressurreição, a Igreja assume “as dores e alegrias, as angústias e esperanças” (GS, n. 1) dos homens e mulheres de todos os tempos, para proclamar ao mundo que ela é e só pode ser uma Igreja da Misericórdia.⁵

Oferecendo o Mistério de Cristo à humanidade para que ela acolha em Cristo a sua verdadeira identidade, a Igreja contribui para que todos os povos se encontrem no amor, para que todas as nações reconheçam que “eterna é a misericórdia do nosso Deus” (Sl 117).

Apresentando o Cristo, ao dar-se num processo de colaboração com a humanidade, a Igreja mostra a sua íntima união com o Mistério do seu Senhor, tornando-se também

4 PIÉ-NINOT, Salvador. *La Teología Fundamental*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2009. p. 521.

5 “A Igreja vive vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora. (...) Em todas as fases da história, mas especialmente na época atual a Igreja deve considerar como um dos seus principais deveres proclamar e introduzir na vida o mistério da misericórdia, revelado no mais alto grau em Jesus Cristo” (João Paulo II. *Carta Encíclica Dives in Misericordia, sobre a Misericórdia Divina* 30/11/1980, n. 13-14).

ela “carne e sangue” oferecidos em favor da vida e da norma estruturante de toda verdadeira prática eclesial – o amor.

Foi como Igreja que Cleusa deu a sua vida

Isto nós podemos constatar ao longo de toda a sua história. Não foram meras causas sociais e políticas que a levaram para o meio dos índios e populações ribeirinhas do Amazonas, mas a luz do Evangelho e o serviço que a Igreja é chamada a prestar no mundo, dado que não é maior que o seu Mestre e Senhor (Mt 10,24). Como cristã católica, religiosa consagrada, ela queria que todos professassem a fé no Deus do Amor, no Deus-Amor (1Jo 4,8).

Não foi o desfecho da sua existência que a torna uma possível “Mártir da Causa Indígena”, mas os seus mais de 25 anos dedicados a esta causa. (Escrevemos possível Mártir, porque é a autoridade da Igreja quem a deve declarar Mártir ou não.) O cume da sua história realça apenas o que se pode constatar em toda a sua existência de consagrada: abandono à vontade divina, oração encarnada, despojamento evangélico, compromisso com o Reino, amor aos irmãos, à Igreja, à Congregação. Ela não foi assassinada, ela viveu no horizonte da *kenosis*, do esvaziamento, da entrega por amor. Como “bela pastora”, com Cristo, ela pode exclamar: “ninguém me tirou a vida, eu a dei livremente” (Jo 10,18). O último momento da sua história foi o coroamento de uma vida imolada com Cristo, no altar do mundo, em favor do mundo.

Irmã Cleusa compreendeu o que em nossos dias tanto se debate: ante o mundo Moderno, a credibilidade de Cristo está preservada, mas a credibilidade da Igreja só pode ser comprovada no amor que se manifesta em gestos cotidianos e heroicos de solidariedade e compaixão.

De alguma forma também, a credibilidade, o ato de fé professado com relação à Revelação dada em Cristo, passa pela credibilidade da Igreja. Dada na história, a credibilidade da Revelação passa também pelo crivo histórico, ainda que o supere no sentido ontológico e salvífico. É por isso

que *Skillebeex* afirmou: “Não existe Igreja sem Cristo. Assim como não existe Cristo sem Igreja!”.

Pelo testemunho dos primeiros cristãos, o Senhor Jesus tornou-se conhecido e adorado por inúmeros povos e nações. Pelo testemunho de Irmã Cleusa, muitos povos indígenas e muitas pessoas passaram a aceitar Jesus como seu Salvador e a reconhecer as “Sementes do Verbo” presentes em suas Culturas.

E assim, *a Aliança, a escolha de Deus sobre nós, o dom da Graça que nos é ofertado para encontrarmos-nos com Deus, o nascimento da Igreja*, tudo é obra do eterno amor de Deus, proclamando que a nossa fé, só amor, alcança a sua maturidade, conformando-nos a Cristo. “Estejam sempre preparados para responder a qualquer um que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês com mansidão e respeito, dispostos a sofrer pelo bem, amando sem cessar” (1Pd 3,15-16a).

Pié-Ninot, um teólogo renomado da Gregoriana de Roma, da área de Teologia Fundamental, traz um grande esclarecimento sobre a fé que precisa “dar razões da sua esperança” (1Pd 3,15) ou a “fé que precisa compreender”.⁷ Ele afirma que houve um tremendo equívoco na tradução latina de um famoso texto bíblico de Is 7,9: “Se não crerdes, não entenderéis”. Na verdade o texto de Isaías não diz isso. Ninot afirma que *aman*, que dá origem ao nosso amém, não tem relação com entender, mas com estabilidade, fidelidade. Ou seja, “se não crerdes, não sereis fiéis, ou não sereis estáveis”.⁸ Nesse sentido, a fé não estaria muito vinculada a um entendimento, a uma mera compreensão ou saber racional, assim como ajudou a perpetuar Santo Anselmo num de seus famosos axiomas: *fides quaerens intellectum* (a fé quer ou deseja conhecer).

Na verdade a fé deseja ser fiel, a fé deseja amar; a fé deseja saber, sim, mas saber o que é o amor. A fé quer conhecer o que significa aquele amor que nos leva a dar a vida pelo outro. A fé deseja o amor, assim como a amada busca pelo amado: *fides quaerens amoris!* (a fé quer amar, reclama amor). É no amor e pelo amor que a fé encontra o seu porto seguro, a sua estabilidade, conseguindo suportar as dúvidas e

7 PIÉ-NINOT, Salvador. *La Teología Fundamental*. Salamanca, Secretariado Trinitario, 2009. p. 179ss.

8 *Bíblia do Peregrino*. Tradução de Alonso Schokel. São Paulo: Paulus, 2002.

inquietações, o silêncio Divino e a incompreensão do Mistério de Deus e da vida.

Se não for para amar, por que ser cristão, padre, religiosa/religioso? Por que conhecer o sentido dos dogmas, da doutrina? E se procura dar razões da sua esperança, a fé o faz não tanto por meio de conceitos, mas através de uma adesão ao Evangelho, a Cristo. A fé quer saber, mas não com a eloquência dos doutos; assim como afirmava Paulo Apóstolo (1Cor 1,18-31), a fé quer a sabedoria da Cruz.

É verdade que a fé também pede para ser formulada em termos lógico-rationais. Mas ela não pode parar por aí. Se assim o fosse ela deixaria de ser o fundamento das coisas que não vemos, para tornar-se serva das nossas conceituações. Ela passaria a ser um objeto que manipulamos e não mais uma luz que nos guia. Tudo o que o documento *Fides et Ratio* tentou evitar. A inteligência da fé é e sempre será necessária, todavia, o que torna a nossa fé digna de ser acreditada por outros não é a argumentação, mas o testemunho do amor: “Nisto reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,19).

No intuito de defender as verdades da fé, muitos teólogos se esqueceram que as nossas maiores verdades de fé são estas: quem ama a Deus, ame também o seu irmão. O amor a Deus nos compromete com o próximo. E toda fé autêntica é comprovada e purificada no fogo do amor.

O cristão do novo milênio ou será místico ou não será cristão, enfatizava Karl Rahner. O que é um místico? É alguém que fez a incondicional experiência do amor, aprendendo que só no amor a nossa fé e comunhão com Deus têm sentido.

Um outro grande teólogo moderno, Hans Von Balthasar, afirmou que a fé possui uma forma. Sem esta forma a fé perde a sua beleza, a sua estética. A forma que estrutura a fé como manifestação do Belo Pastor – Jesus, é o amor. Sem amor, a fé não diz nada, perde o colorido e pode tornar-se uma fantasia ou uma tirania. Só o amor é digno de fé (cf. BALTHASAR,

Hans Urs Von. *La Percezione dell'amore: Abbattere i bastioni e Solo l'amore é credibile*. Milano: Jaca Book, 2010).

No *Motu Proprio – Porta Fidei*, uma carta apostólica que o Papa Bento XVI escreveu para nos preparar para o então ano da fé (out. de 2012 – nov. de 2013), ele mencionou várias vezes a relação que a fé tem com o amor. No n. 6 mostrou que “a fé atua pelo amor” (Gl 5,6). No n. 7 afirmou que a fé cresce à medida que reconhecemos que o amor de Cristo nos impele. E no n. 15 apresentou uma belíssima expressão: “a fé sem a caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento constantemente à mercê da dúvida. Fé e caridade reclamam-se mutuamente [...]”.

No Novo Milênio, que iniciamos há poucos anos, se quisermos que a nossa fé seja crível, digna de ser respeitada e aceita, precisamos conciliar o nosso discurso com a nossa prática, especialmente no que se refere ao amor, à solidariedade humana.⁹ É isso que o Papa Francisco vem tentando mostrar de inúmeras formas.

No núcleo do Mistério Pascal encontram-se a Paixão e a Cruz do Senhor. Celebrando o Mistério Pascal de Cristo Jesus, o Senhor nos ensina que a fé pede renúncia, esvaziamento, doação, amor. O sacrifício de Cristo tem o poder de purificar o nosso olhar teológico, pois ele apresenta o núcleo do *kerygma* presente no Coração transpassado. Uma autêntica experiência de Deus só é possível para quem percorrer a estrada que ficou aberta no lado transpassado de Cristo e que nos conduz a Deus, assim como afirmou Balthasar.¹⁰

Quem se esvaziar e se dispuser a percorrer esta estrada vai encontrar um conhecimento novo, vai estabelecer uma relação nova com Deus que o tornará apto a dar razões da sua esperança. Quem se esposar de Cristo no Mistério da Cruz, assim como escreveu Tereza D'Ávila, vai tomar posse da Nova Aliança firmada, não com sacrifícios de animais, mas na Misericórdia, que pede a entrega de si mesmo.

9 A coerência entre aquilo que se crê e a vida diária é lembrada por Dom Fisichella, uma vez que vivemos em uma época em que os modelos e exemplos a seguir são cada dia mais necessários. “Os jovens de hoje procuram seguir alguém. Esse alguém, com maiúscula, é Jesus Cristo, mas também é verdade que eles o seguirão com mais facilidade à medida que seus discípulos forem críveis” (FISICHELA, Rino. A grandeza de crer. In: *L'Ossevatore Romano*).

10 BALTHASAR, Hans Urs Von. *O Evento Cristo: Mysterium Paschale*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 88-90. (Col. Mysterium Salutis, vol. III/6).

Quem percorrer este caminho de fé até o coração de Deus, vai descobrir a ciência do amor: um saber mais elevado, pois não empenha apenas a cabeça, o racional, mas todo o nosso ser. Ao final, esta pessoa certamente poderá dizer com São João da Cruz: “Na adega do Amado meu bebi, quando saí esqueci quem eu era, voltei por outro caminho!”. Nossa consagração deve nos ajudar a fazer esta profissão de fé: bebemos na adega do nosso Amado, entramos pela biblioteca do seu coração, lemos com a sua misericórdia, nos extasiamos com o seu amor; então, esquecemos quem nós éramos ou somos, vislumbramos um novo modo de ser depois de adquirirmos a ciência e sabedoria da cruz; por fim, tomamos um outro rumo, dado que tal conhecimento não permite que sejamos as mesmas pessoas; tomamos um novo rumo para dar razões da nossa esperança com uma fé que se sabe estável apenas no amor.

Este é o testemunho de Irmã Cleusa. Ela entrou na adega do seu Amado Jesus, embriagou-se do vinho do seu amor ao fazer-se uma religiosa consagrada. Esqueceu quem era para lembrar a todo momento das palavras do Amado Jesus! Por ele deu a sua vida e nos ensina que este é o caminho: martírio cotidiano! Martírio da esperança! Doação total, por amor, devido à fé que professamos!

Por fim, fico a pensar o quanto ressoaram na mente e no coração de Irmã Cleusa estas palavras de Santo Agostinho: “É a causa e não o sofrimento que faz o mártir!”. E ainda: “Ter fé é assinar uma folha em branco e deixar que Deus nela escreva o que quiser!”. E mais: “Fazes o impossível para morrer um pouco mais tarde, e nada fazes para não morrer para sempre?”. Ela muito fez para não morrer para sempre, foi uma folha em branco onde o Espírito desenhou o que quis e sempre soube que a fé implica assumir uma causa: “Vale a pena arriscar-se pela vida!”. Vale a pena doar-se por amor!

Cordimarianas celebram o centenário de fundação

ANTONIO CHAVES DE SANTANA*

Júlio Maria De Lombaerde sabia que a região amazônica exigia pesados sacrifícios: as ameaças dos índios, a fome, a febre amarela e a malária. Mas, apesar do “Inferno Verde” que haveria de encontrar no seu caminho, soube inculturar-se, ficando brasileiro no meio dos brasileiros, escrevendo e falando como os caboclos do Norte do País. O que não ocorre mais hoje, pois celebridades surgem hoje para desaparecer amanhã sem deixar rastro na memória do povo. Enquanto Júlio Maria, embebido da cultura popular, eternizou-se.

O Servo de Deus Júlio Maria De Lombaerde foi um divisor de águas, um “Santo Vivo”, protagonista desta mistagogia eucarístico-mariana, partilhada e transformada, tanto ontem como hoje, em horizonte de sentido, inspiração e luz para seguidores e seguidoras, que vivem momentos dialéticos de perplexidades gerados pela cultura narcisista e globalizada da indiferença.

“A congregação nasceu de uma impossibilidade”, diz a teóloga cordimariana Irmã Maria do Disterro Rocha. Poderia não ter dado certo, mas floresceu no jardim da Igreja como flor que exala o perfume do seu carisma:

“Ser Coração de Maria na Compaixão e na Misericórdia.” As Cordimarianas não foram importadas e nem têm raízes europeias. São latinas, brasileiras, nordestinas; afrodescendentes e afro-ameríndias. São missionárias de berço. Nasceram e sobreviveram na pobreza e indigência da Missão; longe dos centros urbanos, sem infraestrutura adequada, comendo da mesa da Providência, perseguidas pela inveja” (p. 6).

E no amadurecer dos tempos, robusteceu-se no “amor-sacrifício”, no serviço incondicional ao Reino. Na verda-

-

-

-

e tamborins, cantarolando salmos de vida e, em mutirão, carregando em seus cestos sonhos abraâmicos, já semeados pelo Fundador em seus corações, que se transformaram em sonhos novos na aurora do primeiro jubileu centenário de sua fundação.

Repassar essa mágica história é indispensável para manter viva a identidade e robustecer a unidade no sentido de pertença à família julimariana. Porém, é preciso dizer que o projeto cordimariano nasceu com um rosto de misericórdia nas entranhas do Evangelho, humanizou-se, marianizou-se e eucaristizou-se história afora. Mas como não teria dado certo um projeto fincado nas raízes mais profundas do Evangelho e no Coração Imaculado de Maria, da qual obteve a inspiração maior desta fundação cordimariana?

É isso que os novos tempos esperam de uma consagrada cordimariana, que assuma uma Vida Religiosa atraente, marcada pela simplicidade e ternura, pela vigilância e profecia, que pastoreie o carisma e não deixe que o mundo lhe roube o Evangelho, sendo testemunha de uma forma diferente de ser, de fazer as coisas, de agir e de viver, persuadindo outras jovens corajosas e decididas a ingressarem às suas fileiras.

As Cordimarianas exercem um profetismo no cenário do mundo pós-moderno, carente do testemunho profético. “A VRC [Vida Religiosa Cordimariana] tem um papel importante a desempenhar na linha do testemunho profético. Numa sociedade carente de vozes proféticas, a presença solidária da ‘cordimariana profetisa’, faz recordar os valores da humanização”, disse o teólogo frei José Antônio Macapuna, OFM Cap.

As Cordimarianas, parafraseando o Papa Francisco, devem “despertar o mundo” com a cultura da compaixão e da misericórdia. Esse foi o protagonismo julimariano, originário de uma espiritualidade forte, vigorosa e pensante, lutadora e sonhadora, evangélica e missionária, eucarística e mariana, motivadora para quem quer se deixar encantar pela alegria do Evangelho, alegria essa que em um mundo

superficial, provisório, frágil e fragmentado não poderá oferecer aos jovens.

Nesse “despertar o mundo”, celebrar o centenário vem ensinar uma profunda renovação no seguimento ao Cristo como discípulas e missionárias Cordimarianas, na mesma esteira do fundador, aprimorando-se, ousando, envolvendo-se, acompanhando, frutificando e festejando os frutos desta árvore centenária. Dessa forma, o centenário será a lembrança agradecida do passado a impulsioná-las à escuta atenta dos “Sinais dos Tempos”, percebendo que o Espírito fala à família cordimariana para renovar a sua face. É avançando na conversão pastoral e missionária de maneira cada vez mais profunda, até os aspectos constitutivos da vida consagrada, que mulheres comprometidas com a proposta julimariana alçarão voos bem maiores e bem mais altos dos que já foram alçados neste primeiro centenário de história.

Assim como os cinquenta anos do Concílio Vaticano II fizeram renascer uma nova primavera, um novo pentecostes de “uma Igreja em saída”, da mesma forma, o centenário cordimariano não se transformará num outono ou num fim de tarde, mas em um tempo forte do Espírito que as animará para que “façam novas todas as coisas”, num redesenho de uma vida consagrada em “saída”.

Nessa trajetória centenária, o Concílio Vaticano II foi um acontecimento de suma importância para a renovação da vida consagrada cordimariana. O Concílio ecumênico e pastoral, como nenhum outro da história da Igreja Católica, capitalizou um acúmulo de forças inovadoras que permitiu a muitas congregações redescobrirem o carisma fundacional em meio a uma indeterminação religiosa criada pelos cânones eclesiais. Mais do que os documentos por ele produzidos, trata-se de um espírito de uma nova forma de ser Igreja.

E conseqüentemente começou a surgir no rosto enrugado de uma Igreja, marcado pelas cicatrizes da história, uma face nova, rejuvenescida pelo sopro de um novo pentecostes. Aos onze de outubro de 1962, numa noite prateada pelo brilho da lua e decorada ponta a ponta da cidade de Roma

pelo clarão dos lampiões, à moda dos antigos concílios, o Papa São João XXIII dá um tom solene ao XXII Concílio Ecumênico-Pastoral com as seguintes palavras: “*Gaude Mater Ecclesia*” (Alegra-te, ó Mãe Igreja!). Esse discurso pronunciado com tom profético trouxe um novo imaginário para a Igreja. De agora em diante, a Igreja seria chamada de Mãe, não mais aquela que condena e exclui os filhos que erram, mas sobre os que falham, cuida com o mimo terno de uma mãe. Essa postura de pastor encantou o mundo, fazendo do Concílio Vaticano II uma das maiores construções de todos os tempos, a iluminar a vida dos religiosos.

Da mesma forma que Trento apresentou ao mundo católico um espírito, uma mentalidade, um imaginário, assim também o Concílio Vaticano II o fez, desconstruindo o imaginário legalista de Trento para construir seu próprio imaginário de diálogo, para falar ao mundo moderno constituindo um novo paradigma eclesial de inserção da Igreja no mundo, tão bem retratado pela Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”: “As alegrias e as tristezas do mundo são as alegrias e tristezas da Igreja”, provocando, assim, um novo teologizar, menos dogmático, mais cordial e existencial de retorno às fontes da patrística.

Dessa feita, o discurso teológico não se estruturaria só como logos, mas como “Eros, *páthos* e práxis”. Como Eros teológico faria realçar o desejo de saber e de sabor. A fé passaria a ser curiosa, pois ela ama saber, como fala Anselmo, um dos pais da teologia. E no *páthos* teológico passa-se a emoção do mistério, envolve a pessoa por inteiro, corpo e alma. Pensar a fé como *páthos* dá um novo sabor e compreensão da Vida Religiosa, quando ela vem carregada de um *páthos* especial que não fica em uma emoção de superfície, mas de profundidade, que dá uma inteligência cordial, no sentido bíblico de coração.

Essa experiência mística é emocionante, prazerosa e, às vezes, um tanto árdua. Esse logos, que pinica, inquieta, desacomoda, desaloja das selas conventuais e convida a entrar na ciranda e dançar uma nova canção da vida. Com esse novo modo de pensar a fé, a Vida Religiosa se redescobre,

debruçando-se sobre seus carismas, relendo-os para os tempos da modernidade.

As Cordimarianas deixaram-se inspirar pelo sopro novo deste teologizar, sentindo-se motivadas para um estudo e compreensão da teologia do carisma que é “Ser Coração de Maria na Compaixão e na Misericórdia”. Carisma esse extraído das entranhas do Evangelho mesmo, que é só “Compaixão e Misericórdia”. Compaixão é o sentir com o outro o afeto que mobiliza, que volta o olhar e o coração sobre as dores do outro, fazendo desse outro um próximo.

A compaixão vem do verbo latino *compatire*, que significa “sofrer com”. A compaixão favorece a prática da misericórdia, que por sua vez move a solidariedade. A compaixão realiza uma proximidade, seja mostrando a reciprocidade àquele que oferece e àquele que recebe a compaixão. Na compaixão, temos um sentimento que mobiliza, um *motus*. Para as Cordimarianas, a tríade: compaixão, misericórdia e simplicidade se interdependem, se completam, se ampliam, se repartem, se aliam à oração e se abraçam numa dialética sem fim.

Já a misericórdia é um sentir solidário que mobiliza na direção do outro necessitado. A misericórdia é uma energia humano-amorosa contagiante. Não é poesia, mas solidariedade. A misericórdia traz consigo o toque que expressa cuidado. É bom ser tocado pelo abraço. Na parábola do filho pródigo, o filho sentiu-se acolhido e resgatado pelo abraço de perdão. Por este viés, o Papa Francisco vem insistindo pertinentemente que é preciso que o mundo redescubra a alegria do Evangelho, pois ele é mais forte que o mundo. Ele é poesia e profecia. Enquanto Boa-Nova provoca, inquieta, desinstala.

Nesse tocar, sentir e compartilhar a dor do outro, as Cordimarianas se compreendem como discípulas servidoras do Reino no “Amor-Sacrifício”. Aqui, o texto joanino do lava-pés expressa bem a alma cordimariana. No relato, há uma sutileza que chama atenção, é quando Jesus, no gesto do lava-pés dos seus discípulos, retoma o manto, mas em nenhum momento o relato afirma que Jesus tirou o avental.

Com essa sensibilidade evangélica, pode-se comparar que a compaixão e a misericórdia são o avental da família cordimariana, e não o manto. O manto é retirado sempre, mas o avental fica e permanece sempre. Essa hermenêutica se funda numa leitura das iconografias de Jesus crucificado, que sobre seu corpo só sobrou uma veste, o avental. Dessa forma, a construção da metáfora aplicada à vida cordimariana leva-nos a concluir que os mantos poderão ser retirados, mas o avental da compaixão e da misericórdia jamais.

A trajetória cordimariana nesses cem anos de história foi um verdadeiro caminho exodal. Tocadas pela inspiração conciliar que lhes preparou um momento novo, as Cordimarianas viveram um tempo de entusiasmo e ousadia, de coragem e ternura, de inventividade e criatividade. Porém, experienciaram as certezas frágeis, as improvisações e desilusões amargas. Nesse percurso, fizeram-se presentes a escuridão, a tibieza, o risco a perturbar a fé. Contudo, não lhes faltou o clarão de um fogo chamejante nas noites da história.

Celebrar é transbordar alguma coisa boa lá dentro. É dizer para o mundo quem somos, qual é nosso rosto, nossa identidade e que temos algo melhor a oferecer. Repetindo o que foi bom, estaremos sempre em companhia para festejar a jornada de todos esses anos. *“Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum”* (Eis como é bom viver juntos como irmãos), diz o texto sagrado. Não devemos nunca perder a sensibilidade fraterna.

Os fundadores foram fascinados pelo espírito fraternal das primeiras comunidades cristãs, como narra o Livro Sagrado dos Atos dos Apóstolos. Os primeiros cristãos “perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações. Todos viviam reunidos e tinham tudo em comum. Vendiam os seus bens e dividiam com todos, segundo a necessidade de cada um. Unidos de coração, partiam o pão com alegria e singeleza, cativando a simpatia de todo povo” (2,42-47). Nessa utopia de viver o espírito fraterno proposto pelo Evangelho, os fundadores

encarnaram esse modelo de vida cristã das primeiras comunidades para suas realidades e culturas.

Parafraseando o Frei Macapuna,

Ao lado do Pe. Júlio Maria, a família cordimariana exulta jubilosa com a cofundadora MADRE MARIA DE JESUS, pequena de estatura, mas grande de espírito; de aparência frágil, mas com têmpera de mulher bíblica; sem diplomas universitários, mas com a sabedoria de uma mulher de Deus. A ela também dedicais vossa decisão em viver vossa Congregação, “sem rugas e sem mancha”, sem sombra de morte, mas como MISSIONÁRIAS CORDIMARIANAS, cujo profetismo é exercido no conturbado cenário da pós-modernidade (21).

E ao celebrar o centenário de fundação marcado pelo testemunho profético no Norte-Nordeste brasileiro, as Cordimarianas evocam a memória da MADRE MARIA DE JESUS, “a pioneira, a corajosa, a desbravadora dessa presença”.

Celebrar o centenário de vida cordimariana é recuperar o lugar, é restabelecer ou redesenhar o mapa do caminho com seus contornos, ainda tênues, num mundo em mudança de época. Celebrar tem um caráter social e comunitário; ninguém celebra sozinho, mas convida outros para celebrar e partilhar uma Eucaristia viva. Ninguém consegue viver sozinho. A vida em comunidade é um traço inerente ao ser humano. Dessa forma, a Vida Religiosa se caracteriza pela pertença à comunidade. Sem vida comunitária perde-se a sensibilidade fraterna e desfaz-se a Vida Religiosa.

A celebração do centenário é uma oportunidade não só de incluir os sonhos sonhados de ontem e de hoje, mas os novos sonhos ainda não sonhados, incluindo-se os sonhos dos outros no nosso corpo e na nossa alma, deixando espaço para que eles incluam em seus sonhos os nossos sonhos.

Acredita-se que um dos grandes anseios da humanidade nestes últimos tempos é o de ser acolhida no dia a dia, é dar sinais de que se está caminhando em direção contrária à solidão. “Nunca estivemos tão juntos e ao mesmo tempo

tão afastados. Conversamos, mas não dialogamos, ouvimos, mas não vemos, e vendo, não enxergamos, tocamos, mas não sentimos” (Bauman). Para este tipo de relações, a distância é mais confortável. O grande perigo dessa cultura da pós-modernidade é que pouco a pouco esta realidade vai entrando nas nossas casas, em nossas vidas, em nosso ser.

Celebrar é festejar o face a face, de faces que se olham, se conhecem e se abraçam, mostrando o verdadeiro rosto desta congregação, pois o rosto, no dizer do filósofo Emmanuel Lévinas, “se manifesta e comunica o sentido do humano”. E a simples aparição do rosto já é expressão, pois, por detrás de sua aparência e de sua forma, acontece uma abertura para o infinito.

No dia a dia de nossa vida comunitária ou familiar, nos deparamos com o mesmo rosto e o mesmo olhar, pois nesta realidade finita encontra-se o infinito. Este é um verdadeiro celebrar que soa como poesia. Celebrar é palavra e silêncio, é um falar silenciando e um silenciar falando. Celebrar é um movimento do espírito, é dinâmico, que vai do amanhecer ao fim da tarde, num ritmo sem fim e sem interrupção. Pressupõe uma espiritualidade, que é o oxigênio da vida consagrada, a vida do Espírito em nosso espírito. Assim, nada mais dionisíaco e poético do que celebrar.

No livro *Perscrutai*, sobre o Ano da Vida Consagrada, há uma belíssima citação da Irmã Magdeline: “Nós devemos construir uma coisa nova que é antiga, que é o autêntico cristianismo dos primeiros discípulos e discípulas de Jesus Cristo. É necessário que recuperemos o Evangelho palavra por palavra”. Esse é um convite poderoso a fazer, é uma refontização, uma volta às fontes, ao lugar da fundação, para que a “Regra de Vida” encontre inteligência e valor. Assim, celebrar o centenário é uma doxologia, uma louvação, que nos induz a um cantar, a um dizer que é meditar, amar, recompor e atualizar a história de ontem em história de sempre. É inclinar-se quietamente exultante, é um venerar jubiloso, um glorificar, um *laudare*.

Celebrar o centenário não é algo pontual, mas processual, exige conversão e adesão ao Reino. Sendo processual, o

centenário insere-se numa marcha conversional para tornar-se momento rico de graça por todas as vezes que for celebrado neste ano jubilar. Dessa feita, ele não será cronológico para ser celebrado e esquecido, mas kairológico, desde o momento em que estivermos vivos para celebrar sua memória. Assim sendo, a celebração do centenário cordimariano tem uma gama de motivações. E essa história cordimariana merece ser celebrada todos os dias na vigilância e na profecia.

Percorrer o caminho das gerações passadas é captar a centelha inspiradora do *ruah*, isto é, a ventania do Espírito, a brisa leve, para retornar às fontes cordimarianas, a fim de suscitar a renovação e o aquecimento do espírito fundante do início do instituto que inspirou o Padre Fundador. Assim, o centenário exige dois olhares: um voltado para o passado e outro para o futuro, um olhar voltado para trás e outro para frente, como fala Santo Anselmo: “*Theologia ante et retro oculata*”. Da mesma forma será a vida consagrada: “*Vita consecrata ante et retro oculata*”.

Concomitante ao ano jubilar, o Papa Francisco veio irmanar-se ao jubileu cordimariano, presenteando-nos com a Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, vindo engrandecer mais ainda o nosso centenário cordimariano de fundação. “A misericórdia é a palavra-chave, a arquitrave que suporta a vida da Igreja”. A misericórdia não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta, pois quem é misericordioso possui um amor visceral. Foi imbuído desse amor visceral que Júlio Maria fundou o Instituto Religioso das Filhas do Coração Imaculado de Maria, as Cordimarianas, antecipando-se cem anos da publicação da *Misericordiae Vultus*.

Em tempos em que a individualização veio para ficar, e que se tornou destino, transformando-se numa característica fundamental da vida contemporânea, temos a impressão de que a verdadeira vida está ausente. Vivemos uma época de conhecimentos eminentíssimos, um mundo cheio de inovações e facilidades jamais imaginadas e sonhadas, mas,

por outro lado, se converte num mundo superficial, indiferente, provisório, que vive um vazio moral sem precedentes.

Neste contexto, as Cordimarianas são chamadas a ter um rosto de misericórdia para agir no mundo. Na perspectiva da *Misericordiae Vultus*, são convidadas a serem discípulas missionárias da misericórdia, pois a misericórdia é a dimensão fundamental da missão de Jesus. “Que o seu grito se torne o nosso e, juntos(as), possamos romper a barreira da indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo” (MV, n. 15).

A misericórdia é a vocação ontológica de toda cordimariana e pressuposto teológico fundante de toda consagrada, que implica uma veste atitudinal ética sem a qual não existirá atitude religiosa cordimariana autêntica. A misericórdia exige que estejamos eticamente diante do outro, como quem o acolhe como solo sagrado, respeitando sua transcendência. Assim, o centenário convoca a despojarmos de toda armadura que possa escamotear o encontro face a face.

Que as Cordimarianas, ao celebrar a festa centenária de Fundação, deixem-se mover pelo Espírito. Façam com que a VRC seja mais do que uma ideia, seja dom, vida, tarefa e caminho a percorrer dentro de um tempo e contexto histórico. Continuem com essa alma profética, dando uma resposta criativa do Espírito para os tempos de mudanças e crises dentro da Igreja e da sociedade. A realidade social tornou-se muito complexa nestas últimas décadas, boa para se profetizar. Conforme o Pe. Marcos Loro: “O fenômeno da globalização, com suas ambiguidades e os seus mitos, exerce influência sobre os mais diversos setores. As mudanças são rápidas e exigem adaptações e novas reflexões”.

No ritmo acelerado do mundo de hoje, no qual a atenção dificilmente consegue se fixar, que as Cordimarianas sejam iluminadas pela querida e inesquecível MADRE MARIA DE JESUS, que, segundo Macapuna, “qual vaso de argila resistente, soube guardar o perfume de Cristo, transmitindo-o com fidelidade a todas as Cordimarianas”.

Enfim, envolvido nesse perfume, o centenário é o tempo de fazer a memória das origens. É um toque de trombeta, de convocação que nos convida a abraçar com esperança o futuro. Essa esperança que não desilude e que permitirá à vida consagrada cordimariana continuar a escrever uma grande história no futuro, para o qual deve voltar seu olhar. Cientes de que é para ele que nos impele o Espírito, a fim de continuar missionando e despertando nos jovens o protagonismo vocacional. E na mística de viver juntas como Cordimarianas, na Compaixão e na Misericórdia é que se fazem presentes no mundo, numa peregrinação sagrada, a escuta da palavra, como bem lembra o profeta Jeremias: “Parai nos caminhos e olhai, perguntai sobre as veredas de outrora, qual é o caminho do bem, e caminhai nele e assim tereis paz na vossa vida” (Jr 6,16).

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BOFF, Clodovis. Teologia: Eros, *páthos* e práxis. Discurso de parainfo de curso de bacharelado em teologia. *Revista Teologia Viva*, Paraná: PUCPR, 2006.
- BOTELHO, Demerval Alves, SDN. *Uma história de amor-sacrifício*. Caucaia, CE: Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria, 1916-1950. vol. I.
- _____. *Redescobrimo o fundador*. Belo Horizonte: O Lutador, 2012.
- CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Perscrutai: aos consagrados e às consagradas a caminho nos sinais* fi[(BO) (a é q)2.1 (u)8.9 (se)0.5 (r)-38 (iv)]TJo-

- LORO, Pe. Marcos, CMF. *Ser consagrado hoje*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- LORSCHIEDER, Aloísio et al. *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005.
- MACAPUNA, Frei José Antônio, OFM Cap. *Discípulas missionárias cordimarianas: profetismo no cenário pós-moderno*. Caucaia, CE, 2009.
- ROSA, Luís Carlos Dalla. *Educar para a sabedoria do amor: a alteridade como paradigma educativo*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SOAVE, Maria. Elementos bíblicos que têm sido importantes e determinantes para os documentos do Concílio Vaticano II. In: *Da Igreja que temos para uma Igreja à luz do espírito do Concílio Vaticano II na América Latina*. Fortaleza, CE: Movimento das Famílias dos Padres Casados, 2012. p. 11.



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 125,00 (para o Brasil)
- R\$ 175,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).